

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Jéssica Motta Batista

**#POV Você é a "mulher da relação": moralidade e violência no amor entre
mulheres adolescentes**

PORTO ALEGRE
2023

Jéssica Motta Batista

**#POV Você é a "mulher da relação": moralidade e violência no amor entre
mulheres adolescentes**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Valente Dullo.

PORTO ALEGRE

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Motta Batista, Jéssica
#POV Você é a "mulher da relação": moralidade e
violência no amor entre mulheres adolescentes /
Jéssica Motta Batista. -- 2023.
68 f.
Orientador: Carlos Eduardo Valente Dullo.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Ciências Sociais,
Tramandai, BR-RS, 2023.

1. gênero. 2. sexualidade. 3. mulheres sáficas. 4.
adolescência. 5. cybercultura. I. Valente Dullo,
Carlos Eduardo, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento faço às "Jéssicas" do passado que batalharam pela minha conquista de hoje. Cada versão minha deu luz à novas possibilidades que iluminaram meu caminho ao longo das Ciências Sociais, campo cuja paixão continua florescendo em mim desde o 1o semestre da graduação. Em sequência, gostaria de agradecer à minha primeira professora de Antropologia, Fabíola Rohden, que me inspira constantemente a ser uma professora tão incrível quanto ela, tão humana, sábia, flexível, aberta e, acima de tudo, eterna pesquisadora. Nesse sentido, agradeço também meus colegas pesquisadores do Ciências na Vida, em especial Lucas Besen, Lara Costa e Camila Cavalheiro, que por muitas vezes me seguraram para não cair em tempos de pandemia e de incertezas. Agradeço à minha amiga Thasciane Caiel, por todo apoio material (e imaterial) que fez possível que eu não abandonasse a graduação em meio às adversidades da minha vida. Agradeço também à minha irmã, Bianca Motta, primeira mulher da família a entrar para a academia. Obrigada por me inspirar a traçar metas "um pouco fora para meninas, especialmente cristãs". Ademais, agradeço imensamente minha esposa Karollyne Costa por estar sempre ao meu lado, me apoiando e acolhendo, além de sempre me inspirando a realizar meus sonhos. Obrigada, meu amor. Quero ser igual a você quando eu crescer. Por fim, agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul por me proporcionar o ensino de qualidade, além do espaço para que eu possa cultivar conhecimento constantemente, nas aulas, refeições acessíveis no Restaurante Universitário, nos entardeceres bonitos do Campus do Vale, nas bolsas e conexões com colegas de outros cursos, etc. Que possamos continuar defendendo a universidade pública e acessível para todas as pessoas.

*"Perguntaram pra mim
Se ainda gosto dela
Respondi: tenho ódio
E morro de amor por ela
Hoje estamos juntinhos
Amanhã nem te vejo
Separando e voltando
A gente segue andando
Entre tapas e beijos"
Leandro & Leonardo*

Resumo

A presente monografia busca discutir os modos de produção e constituição das performances de gênero dos sujeitos mulheres dentro da esfera relacional sáfica, sobretudo ao longo do período da adolescência, de modo a compreender os fenômenos que engendram a violência de gênero a partir dos diversos aparatos tecnológicos que circunscrevem um regime de produção sociocultural posto em ação na esteira das novas tecnologias. A partir de duas etnografias, virtual na plataforma TikTok, e presencial no Colégio Protásio Alves, foi possível investigar a respeito da violência de gênero nos relacionamentos entre mulheres, o qual acontece através da estrutura heteronormativa que mobiliza os agentes de modo a manter a assimetria social encontrada nos relacionamentos heterossexuais, bem como procura seguir seu projeto de formação de sujeitos femininos, por meio do dispositivo da sexualidade, com o intuito de prosseguir a manutenção do patriarcado. Para alicerçar as observações de campo, a fundamentação teórica que surgiu para possibilitar as considerações colocadas aqui foi dada a partir das dimensões moralidade/corpo/emoções que articulam a esfera de gênero e sexualidade, mediante alguns dos marcos teóricos dos estudos antropológicos no campo da violência e juventude. Por fim, como movimento de intervenção social e produção de material didático, foram produzidos oito vídeos publicados na plataforma TikTok, com a temática da violência de gênero entre mulheres.

Palavras-chave: gênero; sexualidade; mulheres sáficas; adolescência; violência de gênero; TikTok

Abstract

This monograph seeks to discuss the modes of production and constitution of gender performances by female subjects within the sapphic relational sphere, especially throughout the period of adolescence, in order to understand the phenomena that engender gender violence based on various technological devices that circumscribe a regime of sociocultural production put into action in the wake of new technologies. From two ethnographies, virtual on the TikTok platform, and in person at Colégio Protásio Alves, it was possible to investigate gender violence in relationships between women, which occurs through the heteronormative structure that mobilizes agents in order to maintain social asymmetry found in heterosexual relationships, as well as seeking to pursue its project of forming female subjects, through the device of sexuality, with the aim of continuing to maintain patriarchy. To support the field observations, the theoretical foundation that emerged to enable the considerations made here was given from the morality/body/emotions dimensions that articulate the sphere of gender and sexuality, through some of the theoretical frameworks of anthropological studies in the field of violence and youth. Finally, as a social intervention movement and production of teaching material, eight videos were produced and published on the TikTok platform, with the theme of gender-based violence among women.

Key-words: gender; sexuality; sapphic women; adolescence; gender-based violence; TikTok

Sumário

Introdução.....	8
1. Relatos etnográficos e articulações teóricas.....	16
2. Gênero.....	29
3. Violência.....	35
4. Juventude.....	44
5. Moralidade.....	47
6. Proposta de material didático e divulgação científica no TikTok.....	53
Conclusão.....	55
Bibliografia.....	56

Introdução

A presente monografia busca elaborar uma reflexão metodologicamente orientada, a fim de compreender alguns dos fenômenos culturais que engendram a violência de gênero dentro dos relacionamentos afetivo-sexuais entre mulheres, bem como as moralidades produzidas no campo, em especial a partir do período da *adolescência*. As análises aqui postas partem das teorias sobre *gênero* e *violência* propostas por Butler (2003), Louro (2003) e Saffioti (2003) no sentido de englobarem formas de construção social, cultural e linguística que produzem as distinções de *sexo*, *gênero* e *sexualidade*. A partir disso, busco trazer para o centro do debate o papel que as mídias digitais, em especial o TikTok, desempenham como produtoras de *pedagogias da sexualidade* (LOURO, 2000) e *exemplaridades* (ROBBINS, 2015) no campo das relações afetivo-sexuais entre mulheres adolescentes.

Os vídeos intitulados como *#POV* ou "*point of view*" (ponto de vista) fazem parte de uma *gramática midiática* utilizada em larga escala no TikTok, caracterizando-se por apresentar vídeos contendo situações do cotidiano, compondo o usuário enquanto parte da cena - poderíamos comparar, dentro de uma linguagem de cinema, a uma espécie de "quebra da quarta parede". A partir de vídeos como os de *#POV* é possível observar que ao "estudar as imagens, textos e sons da mídia [...], tendo como pressuposto que não extrairemos das imagens representações acabadas, mas antes possibilidades de significação, datadas e bem localizadas [...]" [Rosa Fischer (2002: 83-84)] isto é, no processo de observação da comunicação midiática proveniente dos diversos vídeos de *humor* característicos do TikTok, é plausível perceber que emergem enunciados moralizantes e hierarquizantes que procuram evidenciar *marcadores sociais da diferença* de gênero dentro do comportamento das mulheres que relacionam-se com mulheres. Assim, mostrou-se produtivo problematizar tais fenômenos para discutir os modos de produção e constituição das performances de gênero dos sujeitos mulheres dentro da esfera relacional sáfica.

Optei por utilizar o termo "sáficas" para referenciar mulheres que têm relações afetivo-sexuais com mulheres (em vez de "lésbicas") tendo em vista a

abrangência do termo e sua utilização frequente em meio às mídias sociais. A utilização da expressão "sáficas" atualmente faz menção a qualquer experiência afetivo-sexual entre mulheres, mesmo que estas não se identifiquem com o fator de construção do "self lésbico" enquanto identidade histórica, política e social, como postulado por Adrienne Rich (2019). Isto posto, a fundamentação teórica que surgiu para possibilitar as considerações colocadas até aqui será dada a partir das dimensões *moralidade/corpo/emoções* que articularão a esfera de *gênero e sexualidade*, mediante alguns dos marcos teóricos dos estudos antropológicos no campo da *violência e juventude*.

A saber, ainda são poucos os estudos sobre experiências de pessoas sáficas que são vítimas de comportamentos violentos em seus relacionamentos familiares/domésticos, uma vez que o campo ainda representa apenas um apêndice ao âmbito da violência doméstica heterossexual (RISTOCK, 2011). Nesse viés, pude perceber em campo que algumas das noções a respeito da violência de gênero absorvidas pelo tecido do senso comum baseiam-se, evidentemente, no sistema binário de classificação de gênero fundamentado no discurso biológico. Por esse motivo, a principal característica que tem servido para configurar a violência de gênero reside na disparidade de força física atribuída aos corpos feminino e masculino. No entanto, segundo *Heleieth Saffioti* (2004) a violência de gênero incorrerá no contexto das relações regidas pela gramática sexual, através do *poder* concedido à categoria social "homem". É de acordo com o que propõe a autora que opto por desenvolver as reflexões e hipóteses que surgiram em meu trabalho de campo.

Nesse sentido, a fim de orientar minha pesquisa por meio das *experiências etnográficas* (*Magnani, 2009*), realizei duas idas à campo. A primeira foi produzida no contexto da *observação participante* entre as adolescentes com idades entre 15 e 17 anos, alunas das turmas de primeiro ano do Ensino Médio do Colégio Protásio Alves em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, durante o período do estágio docente - durante 4 meses do ano de 2023. Ao longo do trabalho de campo, tive a oportunidade de coletar dados a respeito das vivências das adolescentes, bem como desenvolvi relações e criei vínculos como pesquisadora e professora, os quais possibilitaram diversos diálogos de cunho sensível. A fim de desenvolver a pesquisa de maneira ética, desde o princípio obtive a autorização da Escola e do professor titular, além de deixar explícito em todas as conversas com as alunas a respeito de

meu viés enquanto pesquisadora. Os relatos que trago na presente pesquisa foram devidamente autorizados verbalmente pelas alunas, a fim de que estivessem registrados em meu diário de campo, assim como no desenvolvimento da monografia. Todos os nomes utilizados são fictícios. As alunas em questão se mostraram empolgadas e engajadas com a temática da violência de gênero abordada na pesquisa, compreendendo que seus relatos seriam de grande valia para a construção do argumento tencionado aqui.

Em decorrência do trabalho de campo na Escola, me propus a elaborar uma etnografia virtual dentro do aplicativo TikTok. Todo o processo de observação virtual ocorreu no período de 6 meses, durante o ano de 2023. Ao longo da *observação participante* feita no Colégio Protásio Alves, convivendo em meio às adolescentes na escola, bem como atuando enquanto professora estagiária, oportunizou-se abordar diversos assuntos em conversas casuais no recreio, nos corredores e em sala de aula. Conversas que me levaram a questionar as alunas a respeito de sua atuação em meio às mídias sociais. Nesse sentido, não foi novidade para mim que o TikTok pudesse aparecer enquanto principal mídia social utilizada pela *geração Z*, como é denominada na mídia pessoas que nasceram entre os anos 1995 e 2010.

É notório que as redes sociais têm predominância de um determinado público alvo. Segundo algumas estatísticas como a do IEBS (Innovation and Entrepreneurs Business School) de Agosto de 2020, 79% dos usuários do Facebook têm entre 30 e 49 anos, 61,1% dos usuários do Instagram têm entre 18 e 34 anos e o TikTok, representando a rede social com mais usuários jovens/adolescentes, têm 66% de seus usuários menores do que 30 anos e 60% tendo entre 16 e 24 anos. Isto é, o TikTok é a rede social da Geração Z. A opção por esse caminho se deu pela crença de que somente através da observação sistemática do cotidiano dos estudantes em ambiente escolar eu poderia apreender a respeito de suas percepções em torno de gênero e sexualidade, bem como da violência de gênero.

Foi surpreendente perceber que 55 dos 56 alunos das turmas de 1o ano possuíam uma conta no TikTok, ao passo que somente 38 alunos estavam no Instagram. Ou seja, praticamente todas utilizam a rede social. Nesse sentido, foi notório durante muitas conversas com as alunas que as mídias sociais, em especial o TikTok, cumprem um papel bastante relevante na formação de um senso comum a respeito dos relacionamentos.

Por isso, a presente monografia conta como intuito embasar teoricamente a produção de um material didático voltado à temática da *violência de gênero nas relações sáficas*, publicado em minha conta no TikTok, uma vez que tem se mostrado profícua a iniciativa de atualizar e abranger mais ainda os formatos em que se produzem as atividades de divulgação científica. O caminho que me dispus a seguir, posicionando-me como "professora de Sociologia", se deu na direção de aproximar-me do contexto escolar, uma vez que a Sociologia está entre os campos possíveis para atuação dos profissionais das Ciências Sociais, fazendo-se presente na grade curricular escolar brasileira no momento. Nesse sentido, a matéria disponibilizada na "Revista Pesquisa FAPESP" no dia primeiro de Janeiro de 2024, produzida pela Agência Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, traz diversos exemplos de jovens cientistas (estudantes, pós-graduandos, doutorandos, etc.) que estão levando o conhecimento científico ao público não especializado através da plataforma TikTok - entre outras mídias sociais como Instagram e YouTube. De acordo com a matéria¹, a empresa *Insider Intelligence* lançou dados em 2022 a respeito das redes sociais que mais cresceram em números de usuários na América Latina, as quais o Tiktok (11,8%) apareceu com o maior crescimento e o Instagram (3,2%) em segundo lugar. Em vista disso, é pertinente considerar que a divulgação científica produzida para a plataforma TikTok - especialmente tratando-se da temática dos relacionamentos afetivo-sexuais - será de grande valia ao público jovem-adolescente, uma vez que já costumam aprender sobre o assunto mesmo sem estarem cientes do fato.

Sendo assim, proponho pensarmos o TikTok enquanto ferramenta de disseminação de práticas cotidianas expressas pela cultura, através do conceito de "*pedagogias da sexualidade*" (LOURO, 2000) e "*Pedagogias Culturais*" (PARAÍSO, 2012). À luz do que discorrem as autoras, proponho que o aplicativo pode ser compreendido enquanto uma ferramenta de produção de *pedagogias culturais*, isto é, uma das diversas formas de aprender a *cultura*. Nesse sentido, considero pertinente situar o nicho do TikTok que contempla os vídeos produzidos com contexto "lésbico" - nos países lusófonos esse nicho é referido como #sapatok - enquanto produtor das *pedagogias da sexualidade* provenientes de um *sistema*

¹ Dados compilados pelo site DataReportal, que reúne informações de materiais publicitários das empresas de tecnologia.

sexo-gênero (RUBIN, 1975) fundamentado em um arcabouço cultural alicerçado na cis-heterossexualidade. Se, em um exercício de abstração, considerarmos o ambiente virtual no qual o TikTok se situa como um espaço de aprendizado - assim como a escola - é possível tratar das pedagogias utilizadas segundo o prisma das teorias de Guacira Lopes Louro. Segundo este prisma, de modo semelhante como acontecem os aprendizados *sexualizados* que educam os corpos em sala de aula, os vídeos de *humor* produzidos no #sapatok traduzem os comportamentos das atoras segundo a lógica vigente dos relacionamentos, para que possam fazer sentido e gerar risos. A saber, a lógica vigente que regula as práticas das relações afetivo-sexuais estruturadas pela gramática sexual trata-se da *heteronorma* (BUTLER, 1999). Os vídeos de humor do TikTok com conteúdo sobre relacionamentos constantemente reiteram e citam a *heteronorma*, uma vez que muitas das *trends* circunscrevem sua "punch line" (parte final de uma piada) em um conceito que se pretende "universal" ou "senso comum" sobre relacionamentos, sendo justamente essa a razão pela qual existe a jocosidade - o famigerado "it's funny because it's true!" (é engraçado porque é verdade).

Isto posto, ao longo da etnografia virtual construí minha hipótese no sentido de pensarmos as *influencers sáficas* enquanto *exemplaridades* produtoras de valores (ROBBINS, 2015) isto é, sujeitos que, ao produzir conteúdo com a temática de relacionamentos no #sapatok, *corporificam* (CSORDAS, 2008) modos de ordenar as relações afetivo-sexuais entre mulheres segundo a *heteronorma*. Nesse sentido, tornou-se nítido ao longo da observação de campo no aplicativo que a *violência* aparece enquanto subtexto em grande parte dos vídeos do nicho. Reconheço a relevância do tema e compartilho do interesse em investigar mais a fundo a questão, no entanto, dado o recorte teórico-metodológico que optei por seguir, e até mesmo o recorte temporal do desenvolvimento de uma monografia, optei por lançar luz, em especial, ao aspecto da *violência normativa* (BUTLER, 1999) observada nos discursos encontrados nas produções midiáticas com a temática sáfica.

Seguindo a ótica Butleriana, quando articulamos a noção de *inteligibilidade* como a capacidade de ser reconhecido como sujeito, com a *violência normativa*, deslocamos a nossa ideia de uma violência exercida sobre um sujeito pré-formado para uma violência que se dá dentro do processo de formação da subjetividade. Nesse sentido, acredito ser possível admitir a força do TikTok enquanto aparato pedagógico cultural na formação dos sujeitos mulheres ao longo da adolescência,

construindo sua visão de mundo diariamente, produzindo inteligibilidades àquelas que relacionam-se com outras mulheres, através de diversos dispositivos como a *violência normativa* presente nos vídeos do #sapatok. Muitas vezes tratam-se de práticas recicladas do universo heterossexual, mas que também acabam gerando novas noções próprias do universo sáfico. A violência normativa observada nos discursos dos vídeos humorísticos do TikTok achata as possibilidades dos relacionamentos não-heterossexuais ao passo que mostra repetidamente casais que *corporificam a heteronorma*.

Proponho pensarmos para além de um sentido direto de heteronormatividade, onde o casal sáfico posiciona-se de maneira antinômica em suas performances de feminilidade/masculinidade. Em contrapartida, opto por observar as práticas sexuadas (LOURO, 2000) em si, ou seja, nem sempre trata-se das performances de gênero das atoras (em um sentido geral) onde cada uma cumpre seu papel de "homem/mulher da relação". Por esta razão, a provocação "você é a mulher da relação" que consta no título do presente trabalho faz menção ao fenômeno recorrente na experiência de muitos casais sáficos: receber essa pergunta daqueles que buscam inteligibilidade no arcabouço da cultura vigente a fim de compreender uma relação entre mulheres.

Não obstante, tais práticas reguladoras têm como efeito a produção de categorias dentro da comunidade sáfica, classificando e nomeando comportamentos a partir da *matriz heterossexual*. Associando certos comportamentos à categoria social "homem" e certos comportamentos à categoria social "mulher", e por conseguinte produzindo assimetrias de poder entre as partes de uma relação sáfica (monogâmica). Conseqüentemente, é segundo esta ótica que posiciono a *violência de gênero* no sentido do que fora proposto por Heleieth Saffioti (2004), segundo a qual, a violência de gênero incorrerá no contexto das relações regidas pela gramática sexual, através do *poder* concedido à categoria social "homem". De acordo com a autora, a desigualdade, longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder e pelos agentes envolvidos na trama de relações sociais. Tal desigualdade, em se tratando da questão de gênero, deixa aberta a possibilidade do vetor da dominação-exploração, que poderá amparar o aspecto da violência. Sendo assim, para a autora, no momento em que houver violência concernente às relações regidas pela gramática sexual, a mesma poderá ser compreendida enquanto violência de gênero.

Desse modo, vejo sentido em adotar o ponto de vista segundo o qual a matriz heterossexual acaba por outorgar maior poder, dentro da relação entre mulheres, àquela cujos comportamentos estão socialmente associados ao homem (se esta fosse uma relação heterossexual). Reitero que não pretendo concluir que a performance de gênero irá orientar o vetor da dominação-exploração no sentido de pensarmos que as mulheres que performam uma masculinidade serão as executoras das violências dentro do relacionamento entre duas mulheres, pois ao postular isso, estaríamos admitindo um caráter ontológico da violência enquanto masculina. No entanto, postulo que a *violência de gênero* nos relacionamentos sáficos dar-se-á de modo a formar uma assimetria de poder entre os sujeitos mulheres, hierarquizando-as de acordo com as práticas que denotam mais poder mediante a sociedade - que são as práticas tidas como masculinas. Evidentemente, esses fatores são nitidamente abstratos e mutáveis, uma vez que tratam-se de duas mulheres nas quais as performances de gênero se dão, geralmente, uma em relação à outra.

Nesse viés, proponho que seja possível conceber que os efeitos da *violência de gênero* (SAFFIOTI, 2004) estejam imbricados na própria produção do gênero feminino - em especial no período da adolescência - estruturando as *normas* das relações afetivo-sexuais entre mulheres, além de forjar todo um conjunto de comportamentos e performances que pretendem conferir inteligibilidade a essa gama de mulheres que não se relacionam afetivo-sexualmente com homens. Para fins da presente monografia, chamarei este conjunto de comportamentos e performances que pretendem conferir inteligibilidade aos relacionamentos entre mulheres como "cultura relacional sáfica".

Defendo que, para a produção dessa *cultura relacional sáfica*, a *matriz heterossexual* tenciona apresentar uma nova sucessão de *valores* e *violências normativas*, angariando ferramentas tecnológicas para tornar as *mulheres sáficas* inteligíveis à sociedade. Por essa razão, a violência de gênero nos relacionamentos entre mulheres acontece através da estrutura heteronormativa que mobiliza os agentes de modo a manter a assimetria social encontrada nos relacionamentos heterossexuais, bem como procura seguir seu projeto de formação de sujeitos femininos, por meio do dispositivo da sexualidade, com o intuito de prosseguir a manutenção do patriarcado. Desse modo, considero pertinente o que discorre Teresa de Lauretis em seu artigo, a respeito das tecnologias do gênero:

"Poderíamos dizer que, assim como a sexualidade, o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos, mas, nas palavras de Foucault, 'o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais', por meio do desdobramento de 'uma complexa tecnologia política'." (Lauretis, 1987, p. 208)

A partir destas considerações, intento co-relacionar minhas reflexões a respeito do que observei em campo no Colégio Protásio Alves com os discursos que surgiram ao longo de minha etnografia virtual no aplicativo TikTok. Tudo isso para que seja possível escrutinar alguns dos fenômenos culturais que engendram a *violência de gênero* dentro dos relacionamentos afetivo-sexuais entre mulheres, e como efeito, produzir um material didático fundamentado cientificamente para compartilhar o saber científico em uma linguagem cognoscível ao público adolescente.

Em suma, meu objetivo para o presente trabalho² se dá em vias de compreender de que maneira, e através de quais processos, a violência de gênero entre mulheres acontece, bem como perceber as atualizações de dinâmicas emocionais historicamente configuradas a partir de dispositivos de produção cultural em massa como o TikTok, a partir de suas influências durante o período da adolescência. Como direcionamento, concluí que as estruturas heteronormativas contidas como subtexto nas produções midiáticas do TikTok corporificam moralidades no campo dos relacionamentos afetivo-sexuais entre mulheres, reiterando as normas culturais hegemônicas que pretendem ordenar as relações sociais fundamentadas no patriarcado. Por *patriarcado* compreendo em consonância com o que postula Gilberto Freyre (2006) a respeito do *patriarcalismo brasileiro* como estratégia de colonização portuguesa, onde historicamente no Brasil houve uma política de população de um espaço territorial de grandes dimensões. A partir disso, um sistema de dominação baseado no gênero foi estabelecendo-se, porém as formas de dominação patriarcal se alteram ao decorrer da história (WALBY, 1990).

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

1. Relatos etnográficos e articulações teóricas

Figura 1 - Zine "Violência de gênero"



Fonte: Foto³ (Set/2023)

A minha ex-namorada era assim, sora. Acho que eu sofri violência de gênero. (Bia⁴, 16 anos, sobre seu namoro com uma mulher de 26 anos)

A partir da *observação participante* conduzida em meio às adolescentes na escola, bem como atuando enquanto professora estagiária, oportunizou-se abordar diversos assuntos em conversas casuais no recreio, nos corredores e em sala de aula. O trecho acima refere-se a uma conversa com uma das alunas do primeiro ano, Bia (nome fictício). No contexto, estávamos trabalhando em sala de aula a temática da violência de gênero. Para tal, trabalhamos em uma oficina a partir do material didático produzido por mim sobre "*violência de gênero em relações sáficas*", baseado na bibliografia de Heleieth Saffioti (2004), pensando a violência de gênero enquanto aquela que é estruturada pelo patriarcado, a partir da noção de *poder dado à categoria social "homem"*, podendo ser perpetrada por qualquer pessoa, mesmo que dentro de um relacionamento entre duas pessoas do mesmo gênero. Nesse sentido, ao observar meu material didático, *Bia* se deu conta da violência que sofreu no ano em que se relacionou com uma mulher mais velha: enquanto *Bia* tinha 15 anos, a então namorada tinha 26. *Bia* é uma mulher cisgênera, branca, de classe média-baixa, que mora em um bairro periférico de Porto Alegre. Ela nunca havia parado para pensar nas ações questionáveis de sua

³ Fotografia da Zine de Bia, retirada em sala de aula, durante a oficina.

⁴ Os nomes coletados dos relatos etnográficos foram modificados a fim de manter anonimato.

ex-namorada até o momento. No entanto, seus relatos a respeito foram marcantes e direcionaram a trajetória da presente pesquisa.

Enquanto trabalhávamos na zine, eu e as alunas, Bia me contava sobre o relacionamento com sua ex-namorada Ana, que durou o período de 8 meses. No início, Ana mostrava-se romântica e atenciosa, conduzindo todo o processo de "conquista". Se conheceram através de um amigo em comum. Segundo Bia, após esse primeiro contato, Ana passou a persegui-la virtualmente, chamando-a para sair, até o momento em que Bia aceitou. Para tal, a ex-namorada mentia (e convenciona Bia de o fazer também) para a mãe de Bia, declarando que tinha 18 anos de idade, quando na verdade, tinha 26. Depois dos primeiros dois meses, Ana já não era a mesma, passando a comportar-se de forma possessiva e violenta, marcando cada passo de Bia, controlando suas conversas no WhatsApp, a xingando e ofendendo a fim de rebaixar sua autoestima. Os relatos de insultos foram muitos: "feia", "gorda", "imprestável", "puta", "boceta fedida"... Segundo minha aluna, a ex-namorada fazia questão de diminuí-la a ponto de fazê-la pensar que não encontraria mais ninguém além de Ana. Em dado momento, Bia me confia o seguinte relato.

- Sora, a primeira vez que a gente transou, ela me fez ficar vendada e usou o cintaralho, sabe? Disse que eu não podia olhar pro pênis pra não lembrar das relações que tive com homens. (Bia)

- Meu Deus, Bia! Isso é violento. Sinto muito...

- Ela dizia que tinha nojo da minha "boceta" porque já fiquei com outros meninos. Dizia que eu tenho cheiro de peixe podre. (Bia)

- Sei. Já me disseram isso também. Mas foi um homem. Tá vendo como os comportamentos se assemelham? Ódio ao corpo feminino...

- É bem isso, sora. Parecia que ela me odiava. Mas queria muito ficar comigo, me ter só pra ela! (Bia)

- É desse jeito...

- *Ela sempre me fazia ficar vendada quando a gente transava e não me deixava encostar nela.*

(Bia)

- *E não era meio dolorido?*

- *Bastante. (Bia)*

Esse relato me fez ir ao banheiro chorar, mas ao mesmo tempo, pude ter a certeza do quanto é profícua a temática da violência de gênero nas relações entre mulheres, especialmente em se tratando do período da adolescência no qual as primeiras vivências afetivo-sexuais são experienciadas. Infelizmente, não foi o único relato dessa natureza que ouvi.

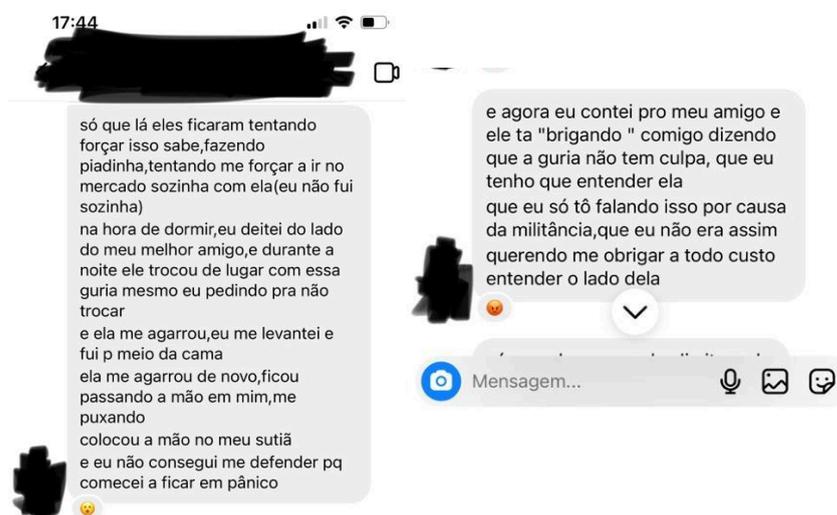
Alguns aspectos desse relato me chamaram a atenção, em especial aqueles que poderiam ser comparados aos comportamentos heterossexuais de "cortejo". Ana, mulher de 26 anos, "cortejou" Bia até que ela a aceitasse, através de mensagens no FaceBook, curtindo publicações do Instagram constantemente e falando com amigos em comum para convencê-la a sair com Ana. Aqui, Ana performava heteronormativamente, no sentido de insistir e tentar convencer, práticas comuns entre homens que relacionam-se com mulheres. Ana, enquanto uma mulher mais velha e experiente, conduziu todo o relacionamento, inclusive sexualmente, onde agia performando uma postura intitulada no universo lésbico como "ativa" (aquela que performa sexualmente interpretando o papel tido como "masculino", responsável pelo ato da penetração) sendo até mesmo violenta. No trecho relatado acima, o ocorrido pode ser lido como um estupro, isto é, violência sexual, uma tipificação dentro da violência de gênero. Defendo que a diferença de idade encontra-se no cerne da questão da vulnerabilidade em que Bia estava colocada. O fato de Bia não ter muita experiência no campo dos relacionamentos antes de encontrar Ana é que gerou margem para que ela operasse as violências sem que estas fossem identificadas por Bia.

Em sala de aula, tive a oportunidade de perguntar às minhas alunas sobre seus primeiros relacionamentos, no qual 12 alunas entre as 36 das duas turmas relataram já ter namorado com homens/mulheres mais velhas. A saber, 4 alunas estavam namorando atualmente com homens mais velhos, 2 delas, noivas, fazendo planos para casar-se em breve. Perguntando um pouco mais a respeito desses planos, as duas meninas (15 e 16 anos) me disseram que o principal motivo que as

impulsiona a querer casar é a violência que sofrem em casa, além dos princípios cristãos que cultivavam. Ou seja, a violência familiar, um tipo de violência de gênero segundo o Instituto Maria da Penha (IMP), abre um espaço de vulnerabilidade para que a violência de gênero se perpetue.

Desse modo, é observável que há, no comportamento de Ana e Bia, reprodução de padrões de comportamentos heterossexuais, embora tratando-se de um relacionamento sáfico. Nesse caso, estamos falando de violências incorridas no contexto de um relacionamento afetivo-sexual já estabelecido. Assim, acrescento à discussão um segundo relato que marcou minha observação de campo.

Figura 2 - Conversa com Laura



Fonte: *print* retirado da caixa de mensagens do Instagram (Set/2023)

Na noite do dia 15 de setembro de 2023, recebi a mensagem de uma de minhas alunas, Laura (nome fictício). Desesperada, Laura me contou sobre o episódio de assédio que havia passado, em uma festa com os amigos. A imagem acima refere-se ao relato de Laura, pedindo ajuda, já que seus amigos estavam a pressionando e criticando por não ter aceitado a violência transcorrida. Segundo minha aluna, foi em uma festa na casa de um amigo que uma menina, estudante de outra turma do Colégio Protásio Alves, pressionou Laura para ter relações sexuais com ela, no meio da noite, puxando suas roupas e passando a mão em suas partes íntimas. Naquela hora, Laura conseguiu se defender e ir embora, porém, após o incidente, passou a ser rechaçada pelos amigos, que além de terem pressionado Laura para que ela aceitasse ficar com a menina, a taxaram como "exagerada" e

"muito militante" por estar se defendendo da violência. A menina em questão, cujo nome não me foi mencionado, nomearei aqui como "Renata". Segundo Laura, Renata a perseguia há algum tempo, com a ajuda do grupo de amigos (de maior parte meninos). Sem reciprocidade alguma, Renata organizava momentos para encontrar Laura, até que conseguiu agir no dia da festa. Ao me abordar, Laura relatava sentir "nojo" dela mesma, se perguntando o que havia feito de errado, sendo ainda silenciada por seus "amigos" que estavam "*fetichizando*" a violência transcorrida.

O relato de Laura se diferencia ao relato de Bia em alguns sentidos, porém se assemelha em outros. Ao meu ver, a vulnerabilidade estabelecida aqui está no sentido da pressão social e silenciamento da vítima, que é uma das questões que trazem a vulnerabilidade para a questão da violência de gênero. A saber, está na sensação de impotência que reside uma boa porção da razão pela qual muitas mulheres não pedem ajuda. Existe, atrelada à violência de gênero, toda uma cadeia de pessoas (pais, amigos, delegados, etc.) e sistemas (escola, família, Estado, etc.) que silenciam e impedem a vítima de receber ajuda. O grupo de amigos de Laura, além de corroborar com os planos de Renata, empenharam-se em silenciar seus esforços de obter ajuda. Ademais, considero importante mencionar que Renata trata-se de uma menina lésbica "desfem", ou seja, que performa menos feminilidade, e como efeito, mais masculinidade em sua estética, bem como reproduz alguns comportamentos da chamada *masculinidade tóxica*. Renata costuma andar na companhia de um grupo composto somente por meninos, onde suponho⁵ que seja levada a comportar-se como eles, a fim de receber inteligibilidade social. O comportamento de Renata no que se refere ao relato acima, assemelha-se com um comportamento segundo os parâmetros do que é ensinado aos homens no patriarcado. Nesse sentido, percebo que a violência de gênero poderá ser perpetrada de maneira ainda mais diligente quando se tratando de uma pessoa sáfica em busca de legitimidade social, em especial no período da adolescência e em ambiente escolar. Certamente a violência de gênero encontra seus meios para perpetuar-se no ambiente escolar, uma vez que o período da adolescência é colocado como o momento em que a experimentação da sexualidade possibilitará

⁵ Não tive a oportunidade de observar o comportamento de Renata, visto que nunca cheguei a conhecê-la. Todos os relatos sobre ela foram me passados por Laura.

uma construção de identidade, isto é, serão momentos formadores de *marcadores da diferença* de gênero.

A partir desses relatos, comecei a observar que muitas foram as meninas que mencionaram já ter vivenciado relações afetivo-sexuais com outras meninas. Por outro lado, os meninos em campo não mostraram-se tão propensos à "experimentação" homoafetiva (ou ao menos não em expressar essas experiências). Haviam, por exemplo, dois estudantes que, em sala de aula, comportavam-se como dois amigos, mas trocavam diariamente mensagens de amor através da plataforma Discord - por meio de suas próprias linguagens iconográficas como *figurinhas* de *animes* contendo dois homens se beijando. Segundo um dos alunos, nenhum contato físico/sexual havia ocorrido (ainda).

A opção por esse caminho se deu pela crença de que somente através da observação sistemática do cotidiano dos estudantes em ambiente escolar eu poderia apreender a respeito de suas *percepções* em torno de gênero e sexualidade, bem como da violência de gênero. Desse modo, pude circular pela Escola enquanto pesquisadora e professora, conversando com as alunas pelos corredores, ou até entrando em algumas aulas de outros professores para observar a interação das alunas. Ao começar meu estágio, entreguei uma declaração formal à diretoria, explicitando meus interesses de pesquisa, para que eu pudesse iniciar o trabalho de campo de maneira ética. Dessa mesma forma, sempre que adentrava uma nova turma, mantive o costume de me apresentar e falar um pouco da minha pesquisa. Sempre com um caderno em mãos, andei pelos corredores da escola coletando dados, sendo estes autorizados verbalmente previamente pelas alunas, que se mostraram empolgadas em contribuir com a construção deste saber científico. Os relatos de Bia e Laura foram especificamente autorizados a serem registrados, uma vez que tratam-se de depoimentos sensíveis. Para que as meninas ficassem tranquilas quanto ao anonimato de seus registros, enviei "prints" ao longo do trabalho, para que elas soubessem o que estava sendo descrito a respeito delas. As negociações foram constantes e de maneira verbal, uma vez que os laços que estreitamos na relação aluna-professora foram deveras importantes para o desenvolvimento ético de minha pesquisa.

Como pesquisadora, acho por bem explicitar algumas das interfaces que atravessam meu olhar enquanto prática de observação de campo: mulher, cis-gênero, em um relacionamento sáfico, pan-sexual, branca, classe média, 32

anos, pertencente à geração *millennial*. O trabalho de campo no Colégio Protásio Alves apresentou algumas possíveis mudanças geracionais, tanto entre eu e as alunas, quanto entre eu e as demais professoras. Tais contrastes evidenciaram-se ao longo da prática de campo, gerando estranhamento do familiar (DAMATTA, 1974).

Nesse sentido, ao longo do trabalho de campo, foi perceptível durante muitas conversas com as alunas que as *mídias sociais*, em especial o TikTok, cumprem um papel bastante relevante na formação de um *senso comum* a respeito dos relacionamentos. Ao longo do período do estágio, tive a oportunidade de trabalhar em aula alguns dos conceitos da sociologia através de exemplos retirados de "fococas de celebridades". Optei por abrir debates em sala de aula a respeito de pessoas polêmicas em seu comportamento no campo das relações afetivo-sexuais, tais como Neymar, Luísa Sonza, Whindersson Nunes, entre outros, com o intuito de fazer um levantamento de "opiniões" concernentes à temática, que inerentemente continham concepções sobre gênero. Foi a partir das conversas sobre as celebridades que foi possível observar que o aplicativo TikTok ocupava papel central como dispositivo fornecedor das notícias, bem como de muitas das opiniões que surgiam nos debates. Era recorrente que alguma aluna levantasse o celular para me mostrar um vídeo do TikTok a fim de embasar seu ponto de vista.

Nesse sentido, para que surgissem as considerações que irei propor a esse respeito, utilizo meu conhecimento prévio da plataforma no lugar de usuária e produtora de conteúdo, além dos relatos dos estudantes do Protásio Alves, bem como baseio-me em minha etnografia virtual no aplicativo, utilizando as *tags* #casallesbico, #lesbicas, #mulheresqueamammulheres e #casalsapatão, no qual fui capaz de selecionar alguns vídeos, observando padrões, linguagens e comportamentos do nicho.

Segundo Danah Boyd e Nicolle Ellison (2007), as mídias sociais caracterizam-se como um "espaço em que ao usuário é solicitado criar um perfil público, conectar-se com outros usuários e ter acesso às conexões feitas por estes". A rede TikTok configura em larga escala um dispositivo de produção de signos sobre diversos campos, uma vez que trata-se de uma mídia social, que engloba uma infinidade de nichos de interesse. A rede acaba diferindo-se das demais redes sociais que conhecemos - Instagram, WhatsApp, Facebook, etc. - pela maneira dinâmica com a qual se comporta. Formada basicamente pela "For You Page", a

página inicial que mostra vídeos de até 10 minutos - anteriormente os vídeos tinham até 60 segundos - que reiniciam ao final caso o usuário não mude de vídeo, fazendo com que a rede se torne um foco de atenção. É perceptível que vivamos na era da *economia da atenção*⁶, de tal forma que as mídias sociais estejam sempre arranjando maneiras de nos manter mais horas dentro delas. O TikTok é uma rede altamente simbólica e musical, onde os vídeos se dão de modo quase que teatral, propagando ideias e signos a respeito da vida através dos seus sistemas. A exemplo do que acontece nas "trends" - isto é, nos vídeos "virais" que batem recordes de visualizações, contendo danças, manifestações artísticas, #povs, etc. - é possível perceber que há "correntes" de sistemas simbólicos que vem e vão, de acordo com as influências de outros aspectos midiáticos. Uma *trend* geralmente é formada por um áudio que viraliza, dando margem à diversas encenações performadas com esse mesmo áudio. Podem haver *trends* de todos os tipos, mas os tipos dos quais me interessa nessa análise dizem respeito àqueles sobre a categoria "casal".

Nesse sentido, a maior parte dos discursos localizados nos vídeos do Tiktok não são explícitos, uma vez que se dão através de encenações de discursos emocionais (CONDÉ, 2011). No TikTok há interação entre usuário e influencer, no entanto, esta se dá muitas vezes de maneira anônima, visto que há diversos usuários que possuem uma conta somente para consumir conteúdo, sem que publiquem nada. Em minha observação de campo no Colégio Protásio Alves, somente 8 das 36 alunas faziam publicações periódicas em suas contas no TikTok. À vista disso, a rede torna-se um espaço que mais difunde as informações do que promove uma comunicação entre os usuários; esse fenômeno em questão coloca em evidência o viés influenciador da plataforma, de modo que suas representações presentes nos vídeos da For You Page têm um impacto considerável sobre o usuário, formando uma espécie de "pensamento de manada". Quanto mais as trends promovem um assunto, mais se denota a importância deste na rede, e por conseguinte, na vida.

Em minha observação de campo, notei que essa característica da rede trata-se de um dos motivos pelos quais ela é tão difundida entre os adolescentes.

⁶ Termo cunhado pela primeira vez em 1971 pelo economista, psicólogo e cientista político, Herbert Alexander Simon, o termo explica como a atenção pode ser capitalizada e tratada como uma mercadoria.

Certamente, a maior característica que percebi entre as alunas era a timidez. Ou seja, uma rede social na qual não seja necessária tanta exposição para que haja a navegação se torna mais estimulante. Assim, as *trends* que chamarei aqui de "trends de casal" são as correntes de vídeos de performances semelhantes, para fins de evidenciar um aspecto da vida conjugal heteronormativa, trazendo - geralmente através do humor - uma lógica supostamente "em comum" entre todos os casais. Um exemplo disso são os diversos vídeos em que a lógica central se dá em cima da ideia de *ciúme*, isto é, a ideia de que os casais - especialmente as mulheres - experienciam muito ciúme de seus parceiros ao longo de um relacionamento. Geralmente tratam-se de vídeos de humor, onde o "*punch*" da piada encontra-se no fenômeno do ciúme e suas vivências no cotidiano do casal.

A *hashtag* #casal tem 89,7 bilhões de visualizações. Nesse sentido, as variedades em termos de produção audiovisual para a plataforma são as mais diversas, no entanto, os vídeos humorísticos são, ao meu ver, os mais complexos em termos de configurações de sistemas simbólicos, bem como os mais interessantes para pensarmos a dimensão emocional com a qual tais veículos midiáticos acabam por instaurar uma espécie de disciplina das emoções. O humor nesses vídeos é especialmente interessante, uma vez que é capaz de transgredir a conotação da emoção do ciúme, que não é considerado como benéfico ao relacionamento, colocando-o como parte inerente de "todos" os relacionamentos, bastante naturalizado e aceito. A jocosidade do vídeo faz com que o usuário "admita" que a lógica por trás do vídeo está correta, ou ao menos que é identificável a nível pessoal.

Nesse sentido, faz-se útil o que teoriza C. Dunker (2017) no que se refere ao perímetro da *pós-verdade*. Segundo o autor, a ideia de *pós-verdade*, longe de ser um aprofundamento do programa cultural e político do pós-modernismo, é uma espécie de reação negativa a esta. A *pós-verdade* é o falso contrário necessário do pós-modernismo:

Como se o politicamente correto, o relativismo cultural e a mistura estética tivessem gerado uma espécie de reação nos termos de uma demanda de real, de um retorno aos valores orgânicos e suas pequenas comunidades de consenso. Como nos romances policiais no qual é necessário existir um suspeito que não é o verdadeiro assassino. Há um lugar necessário para o

falso assassino, que torna possível toda a investigação. Podemos pensar agora em um análogo, mas como se fosse um oposto que não é o verdadeiro oposto, mas que se torna necessário para descobrirmos o que verdadeiramente está sendo negado. (Dunker, 2017, p. 5)

Em vista disso, proponho a reflexão a respeito das moralidades produzidas através das mídias sociais como o TikTok no contexto das relações afetivo-sexuais pode se dar a partir dessa noção de produção de *pós-verdades*. Se fizermos o exercício de posicionar as ideias a respeito do *amor* provenientes da cultura heterossexual no território das "verdades" - nesse sentido de retorno aos valores orgânicos e suas comunidades de consenso - jogaremos as *moralidades do amor sáfico* para o campo das pós-verdades. Ou seja, em vez de transgredir o modelo relacional da heteronormatividade, no intuito de validar as próprias práticas e ideais, o universo sáfico absorveu um falso oposto, tomando para si algumas de suas concepções. É como se, a partir da relativização da norma dos relacionamentos regidos pela gramática sexual, estivessem surgindo demandas de retorno de valores orgânicos. Inseguras da *cultura relacional* que as espera, as mulheres sáficas acabam por buscar na cultura heterossexual uma espécie de guia, algo com o qual possam referenciar-se. Assim, as *trends* de casal do #sapatok assemelham-se, em muitos aspectos, às *trends* de casal do nicho heterossexual. As mesmas lógicas, mesmos comportamentos, mesmas piadas, ou até, muitas vezes, a exata mesma *trend* é reproduzida, só que apresentando um casal sáfico.

No sentido da reflexão que proponho, utilizo como exemplo a influenciadora Ana d'Utra Vaz, nomeada na internet como Super Vulgar, cuja atuação nas mídias se dá em especial no sentido de conferir conselhos de relacionamento no âmbito heterossexual. Muito controversa, a referida Super Vulgar opta por posicionar-se em "contra-senso" ao que a cultura heteronormativa orienta. Atuando enquanto uma espécie de "*coach de relacionamentos*", seus conselhos orientam mulheres a serem estratégicas em seu comportamento, de acordo com uma série de premissas a respeito do comportamento dos homens no campo dos relacionamentos. De acordo com o ponto de vista da *influencer*, a partir da ciência de que homens comportam-se de maneira utilitarista, machista e insensível com as mulheres (uma espécie de consciência de classe), a melhor resposta se dá no sentido de "devolver a cortesia", esperando o mínimo possível quanto ao prognóstico de um encontro romântico. Não

demonstrar interesse, "se valorizar", esperar que o homem pague a conta do encontro, são algumas das atitudes sugeridas pela Super Vulgar com o propósito de munir as mulheres de alguma capacidade de se defender. Considero que, para a grande parte das suas seguidoras tais conselhos se mostram de alguma forma úteis, tamanha a vulnerabilidade em que algumas das mulheres heterossexuais se encontram, uma vez que consideram "natural" todo tipo de abuso. No entanto, minha reflexão aqui se dá no sentido de pensar que a alternativa ideológica oferecida pela *influencer* trata-se de um *falso oposto* como denota C. Dunker, oferecendo uma saída que ainda orbita nos perímetros de uma reação nos termos de uma demanda de real, isto é, trata-se de uma saída familiar ideologicamente, que não transgride a norma ao contrariá-la, mas sim oferece uma possibilidade que funciona segundo as *técnicas* do próprio patriarcado.

Assim, a fim de propor uma perspectiva teórico-metodológica para pensar as reflexões que trago aqui, em primeira instância, me alinho ao pensamento de Arturo Escobar em sua publicação "Políticas etnográficas no campo da cibercultura":

Como um novo campo de prática antropológica, o estudo da cibercultura está particularmente relacionado às construções e às reconstruções culturais nas quais as novas tecnologias estão baseadas e que, por sua vez, também ajudam a formar. O ponto de partida da presente investigação é a crença de que qualquer tecnologia representa uma invenção cultural, no sentido de que ela produz um mundo. Toda tecnologia emerge de condições culturais particulares ao mesmo tempo em que contribui para a criação de novas condições culturais. (Escobar, 2016, p. 22)

À luz dos estudos antropológicos da *Cibercultura*, é possível pensar o aplicativo TikTok enquanto invenção cultural que contribui para a criação de novas condições culturais, ao passo que também é produto da cultura. Assim sendo, postulo que a plataforma contribua para um dos debates proeminentes no campo à respeito de um regime de *tecnossocialidade* (STONE, 1991), isto é, um "processo de construção sociocultural posto em ação na esteira das novas tecnologias" (ESCOBAR, 2016).

Nesse sentido, com o intuito de pensar a rede social enquanto ferramenta de disseminação de práticas cotidianas expressas pela cultura, a ideia de "Pedagogias Culturais" (PARAÍSO, 2012) se faz pertinente, no que diz respeito a uma

compreensão pedagógica da cultura, visto que produz formas de aprender por meio de seus muitos artefatos. Segundo essa perspectiva, a cultura pode ser compreendida enquanto produtora de "verdades", saberes e discursos; mais especificamente, o TikTok, enquanto produtor de "*pedagogias da sexualidade*" (LOURO, 2000), uma vez que estamos lançando luz ao seu aspecto pedagógico concernente ao campo das relações afetivo-sexuais.

Diante dos estudos de Guacyra Lopes Louro, somos provocadas em nossas crenças de que, em sala de aula, apenas a mente está presente e não o corpo: a teoria da autora circunscreve o debate sobre a sexualidade e as dimensões sociais do corpo, enfatizando as difíceis relações entre as pedagogias escolares e o corpo/sexualidade. Para além das profícuas elaborações da autora a respeito do ambiente escolar em si, acredito ser possível expandirmos o pensamento da autora a fim de pensar a tecnologia enquanto ferramenta pedagógica que produz saberes a respeito de, entre muitos outros temas, gênero, sexualidade e corpo. Proponho que tais saberes produzidos pela cultura, em se tratando do campo das relações regidas pela gramática sexual, atuam enquanto moralidades (FOUCAULT, 2004) e valores (ROBBINS, 2015), ensinando usuárias constantemente a como se portar socialmente, especialmente as usuárias adolescentes - público alvo da rede.

Figura 3 - Trend "Machismos que eu concordo"



Fonte: página de comentários do vídeo⁷ (publicado em nov/2023)

⁷ *Print* retirado da página de comentários do vídeo da *trend* "machismos que eu concordo" publicado na plataforma TikTok.

Ao longo de minha etnografia virtual, entrei em contato com diversos vídeos que me chamaram a atenção. O *print* selecionado acima refere-se a um dos vídeos da *trend* viralizada no TikTok em 2023 "machismos que eu concordo", cujo link encontra-se no apêndice da presente monografia. O referido vídeo apresenta duas jovens, heterossexuais, brancas, de classe alta, expondo seus pontos de vista a respeito de algumas práticas que consideram machistas, mas que ainda assim, concordam. O comentário feito anonimamente pela conta "cachorro moto táxi" apareceu no topo da página, visto que continha, quando acessei, 1.554 curtidas. Ao meu ver, há uma infeliz ironia no fato, uma vez que as meninas pareciam orgulhar-se em concordar com diversos machismos, porém, o primeiro comentário do vídeo demonstra exatamente o viés violento do patriarcado, cujos valores estão sendo defendidos ali.

Sendo assim, é com este *print* que dou início à fundamentação teórica que alicerça a presente pesquisa, exemplificada através de alguns vídeos coletados em campo no aplicativo TikTok. Ao longo da etnografia virtual, algumas interfaces mostraram-se predominantes, visto que a pesquisa foi feita a partir da minha própria conta no aplicativo. A opção por esse caminho se deu com o intuito de utilizar o alcance já estabelecido de minha conta, levando em consideração que o algoritmo da plataforma já costumava me enviar vídeos na temática sáfica, devido aos meus recortes sociais. Desse modo, a pesquisa acabou tornando-se periférica às interfaces as quais faço parte, isto é, mulheres, cis-gênero e brancas em sua maioria. Com relação à classe social houve maior variação, fator que mobilizou alguns processos e discursos. Faço questão de explicitar que a *cultura relacional sáfica* à qual me refiro ao longo do trabalho, faz menção a uma cultura hegemônica branco-centrada, e por conseguinte, as experiências para fora deste recorte se darão de maneiras das quais não tive a oportunidade de analisar, devido ao recorte temporal do desenvolvimento de uma monografia - embora tais análises sejam de extrema relevância para a comunidade sáfica.

Proponho, nesse sentido, que os vídeos selecionados para a análise sirvam ao propósito maior de identificar os fenômenos sociológicos envolvidos, e não para culpabilizar os indivíduos pelas reproduções transcorridas. Sendo assim, é sabido que tais conteúdos estão disponibilizados publicamente na internet, no entanto, tratam-se de pessoas reais que expõem parte de sua vida e que não é de interesse científico que haja qualquer violência ou culpabilização aos sujeitos envolvidos.

2. Gênero

Em primeira instância, gostaria de circunscrever o conceito de *gênero* a partir do que foi proposto por *J. Butler (1999)* como performativamente inscrito nas práticas discursivas cotidianas, vestuário, política, dos comportamentos e da cultura. Nesse sentido, *Butler* retoma alguns aspectos da reflexão de *Rubin (1975)* a respeito do “*sistema sexo/gênero*”. Congruente ao pensamento de *Rubin*, a autora reitera que há uma íntima relação entre *sistema binário de gênero* e a *heterossexualidade compulsória*, e, segundo eles, há uma coerência materializada entre os dois sistemas que conduzem sua mútua alimentação através da relação destes com o *desejo* - e até mesmo com o *parentesco*. *Butler* ressalta que a materialização do *gênero* é performativamente produzida e imposta pelas práticas reguladoras da coerência do gênero, isto é, não há *identidade de gênero* por trás das expressões do gênero, mas sim, tal identidade é performativamente construída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados (*BUTLER, 2003*). A autora aponta o *gênero* como o fator que possibilita a existência de um corpo, produzindo sua inteligibilidade. Em outras palavras, é possível conceber que os corpos somente serão “traduzidos” para a inteligibilidade da sociedade - adentrando assim ao senso comum - uma vez categorizados e classificados segundo este sistema de performances. Situo aqui o conceito de *performance* segundo o filósofo inglês *J.L. Austin*, nos estudos de gênero e sexualidade de *Butler (2000: 154)*, como “prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia”. Segundo essa ótica, a *performance* enquanto prática se faz *reiterativa* uma vez que resulta de um processo constantemente reafirmado sobre os corpos, através de diferentes âmbitos, organizações e instituições; bem como se faz *citacional*, de sorte que necessita constantemente de um referencial, o qual está destinada a citar. Nesse sentido, é através da *performatividade* que os discursos sobre *gênero* constituem o próprio *sexo* e *sexualidade*. Segundo *Butler*, tais marcadores sequer existem fora do discurso que os nomeia.

Nesse viés, o conceito de *gênero* delimitado na presente pesquisa refere-se às vertentes pós-estruturalistas e engloba “todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com processos que diferenciam homens e mulheres, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e

separando-os como dotados de sexo, gênero e sexualidade” (LOURO, 2003). Assim dizendo, o *corpo* não é referenciado enquanto uma entidade biológica universal no qual originam-se as desigualdades. No entanto, é nesta perspectiva que baseiam-se a maior parte dos discursos sobre *violência de gênero* absorvidos pelo tecido do senso comum (também chamada de *violência doméstica*). Ou seja, esta é compreendida segundo a lógica de que a violência acontece propiciada pela diferença de força física entre homens e mulheres. É pertinente para a autora, contudo, que através do exame dos *processos de construção* das distinções entre homens e mulheres, sejamos capazes de compreender a questão do *gênero*.

Proponho que uma questão aparentemente central para pensarmos a violência de gênero dentro do universo sáfico está nas performances de gênero e seus marcadores sociais da diferença, em especial quando estamos falando de fatores estéticos (ligados aos corpos). Enquanto que para o universo heterossexual, a força muscular dos corpos assinalados como "homens" ao nascimento representa a maior característica plausível para admitirmos a violência gerada pelo patriarcado; no universo sáfico, quanto mais longe das performances de feminilidade estiverem os corpos, maior será a vulnerabilidade social destes. Uma mulher sáfica que performa feminilidade estará, aos olhos da sociedade, mais próxima da heteronorma, e por isso estará menos vulnerável às violências patriarcais do que uma mulher sáfica que performa menos feminilidade. Os marcadores sociais da diferença de gênero nos corpos sáficos atuarão enquanto parte dos fatores que direcionam a violência de gênero.

[Link: vídeo "machismos lésbicos que eu concordo"](#)

O link acima refere-se a um vídeo produzido por uma usuária da rede TikTok, onde posicionada à esquerda, publica em reação ao vídeo de uma segunda usuária, que está à direita na tela. A usuária à direita nesse vídeo, mulher, cis-gênero, negra/parda, lésbica, participa da trend "machismos lésbicos que eu concordo" que surgiu logo após a trend "machismos que eu concordo" ter viralizado no nicho heterossexual da plataforma. Logo nos primeiros minutos do vídeo, me chamou a atenção a tentativa de utilização do conceito de "lugar de fala" (RIBEIRO, 2017) pela usuária, com o intuito legitimar seu discurso. Vejo sentido em pensar esse fenômeno como mais uma manifestação de apropriação do patriarcado sobre as terminologias

e conceitos da sociologia no sentido de deturpá-los para seus próprios fins. Chamou-me a atenção que a usuária à esquerda, mulher, cis-gênero, branca, de classe social aparentemente mais privilegiada, apresenta um tom de deboche quanto às falas da outra usuária. No entanto, considerando alguns recortes sociais da usuária da esquerda, suponho que esta esteja pouco ciente das reproduções patriarcais que efetua ao longo de seu discurso, e, portanto, não intenciono culpabilizá-la, mas sim, levantar algumas reflexões a respeito das práticas reguladoras da coerência de gênero - segundo o que Butler apresenta.

No decorrer das falas da usuária, noto que as práticas reguladoras da coerência de gênero se dão de modo a colocar a "sapatão caminhoneira" enquanto o "homem da relação" no sentido da produção de um comportamento "masculino" em relação ao outro polo do sistema binário de gênero, nos termos dela, a "sapapaty" (nomenclatura comum no nicho sáfico que referencia performances de feminilidade). Nesse viés, fica nítido que alguns aspectos da heteronorma são reproduzidos, inclusive em termos de qualidades geralmente atribuídas às capacidades do corpo masculino segundo o discurso biológico, como o exemplo de "carregar coisas pesadas" mencionado pela usuária.

À luz dessas considerações, o argumento biológico utilizado pelo senso comum para embasar alguns dos *valores* da *heteronorma* acaba perdendo sua coerência, visto que até em uma relação entre duas mulheres - tidas como mais "fracas" do que os homens - é esperado da que performa mais masculinidade que responsabilize-se por tarefas que requerem força. Aqui, tais práticas se fazem *reiterativas* - de acordo com a perspectiva Butleriana - uma vez que são resultado dessa constante reafirmação da *heteronorma* sobre os corpos das mulheres que relacionam-se com mulheres, continuamente *citando* seu referencial: os relacionamentos heterossexuais, segundo o sistema binário de gênero.

Por esta razão, optei, outrossim, por localizar a categoria *corpo* no cerne da questão de gênero, não no sentido de um discurso biológico e universalizante, mas no sentido com o qual *Paul Preciado (2002)* e *Thomas Csordas (2008)* compreendem esse objeto. Dessarte, P. Preciado posiciona na nomeação do *corpo* uma espécie de "mesa de operações performativa", isto é, seus efeitos delimitam, entre outros aspectos, as funcionalidades dos órgãos e os limites entre "funcionamento normal" e "perverso". A categoria *corpo*, nesse sentido, é que dará

suporte às referidas *performances de gênero* no tocante aos fatores estéticos colocados em perspectiva ao longo do presente trabalho.

[Link 1: vídeo "tem que cortar a unha"](#)

[Link 2: vídeo "ativa ou passiva?"](#)

[Link 3: vídeo "namorada passivinha"](#)

[Link 4: vídeo "batalha de lésbicas \(quem tem os dedos mais rápidos?\)"](#)

À luz do que teoriza as autoras, é possível refletir sobre os vídeos elencados acima. Os corpos das mulheres que relacionam-se com mulheres estão, quando colocados em termos do tensionamento dos limites entre a funcionalidade "normal" e "perversa", constantemente classificados segundo as métricas heterossexuais. No universo *sáfico*, a expressão da *sexualidade* entre mulheres se dá de tal forma que os mesmos movimentos corporais do coito heterossexual são "copiados" para as relações entre mulheres, utilizando outras partes do corpo capazes de operar a penetração - uma vez que a penetração é a performance *a priori* da sexualidade heterossexual. A exemplo disso, o primeiro vídeo faz menção à "regra universal" das mulheres sáficas que determina que tenham unhas curtas, para que possam "ser ativas", isto é, para que possam colocar-se na relação sexual enquanto "penetradoras" de suas parceiras. Ou seja, a *heteronorma* determina que a "funcionalidade normal" do corpo nas práticas sexuais sáficas devem se dar performativamente segundo as práticas sexuais heterossexuais, mimetizando seus movimentos e classificando as atoras de acordo com seu posicionamento nesse sentido. De mesmo modo, o quarto vídeo, embora curto, evidencia também em seu discurso a característica performática da funcionalidade das mãos de uma mulher lésbica.

É nesse mesmo viés que o segundo e terceiro vídeo referenciam a nomenclatura "passiva". O primeiro, trata-se de um vídeo falado produzido pela influenciadora do *#sapatok Betina Varjão*, com 35 mil seguidores na plataforma, no qual responde ao questionamento de suas seguidoras a respeito de sua postura sexual. Ao responder, a influenciadora relata ser "relativa", termo cunhado a fim de compreender o comportamento das mulheres sáficas que preferem alternar entre "passivas" e "ativas". A influenciadora tenta flexibilizar um pouco a utilização dessas nomenclaturas, no sentido de trazer à reflexão o viés regulador dessa tentativa de

classificação binária das práticas sexuais sáficas, demonstrando também que existe um movimento de resistência que sempre haverá no tocante às opressões incorridas no contexto do patriarcado. No vídeo, sua estética "desfem", isto é, que não performa feminilidade, leva suas seguidoras a pensar que sua postura sexual se daria nos termos do que se chamaria de uma postura "ativa". É claro, a alcunha "desfem" que classifica mulheres sáficas que "não performam feminilidade" se dá de modo localizado e variável de acordo com a cultura a qual refere-se. Betina foi considerada pelo seu nicho enquanto claramente desfeminilizada, no entanto, essa não necessariamente é uma verdade universal.

O terceiro vídeo trata-se de uma "trend" que utiliza um áudio como referência, prática comum na plataforma TikTok. No vídeo, a usuária faz menção ao fato de que sua namorada gosta de comportar-se enquanto "passiva" mas envergonha-se disso - afinal, o termo "passivinha" traz uma conotação pejorativa. Nesse sentido, percebo que existe um consenso relativo nesse ambiente digital que classifica as mulheres "ativas" como superiores às "passivas". Ao longo da observação de campo, me pareceu reconhecível a conotação pejorativa que é colocada sobre muitos dos comportamentos associados ao gênero feminino no contexto das relações sáficas, o que corrobora com a hipótese de que tratam-se de normatividades oriundas no patriarcado e suas práticas reguladoras. De acordo com o que teoriza Preciado, o poder que rege o gênero e a sexualidade perpassa diversos âmbitos, desde instituições disciplinares como a escola, assim como aquilo que opera enquanto "manual" de disseminação de "verdades" sobre o gênero "normal" e "anormal". É nessa conjuntura que muitos dos vídeos com conteúdo sobre relacionamentos do #sapatok atuam, mesmo que não se proponham a tal, nem o façam de maneira direta, no sentido de uma educação dos corpos.

Dessa maneira, em seguimento com o pensamento de *Preciado*, considero que seja possível pensar as *influencers* do #sapatok no espectro do *embodiment* (*corporificação*) com o qual propõe *T. Csordas (2008)*. Nesse viés, a perspectiva da *corporificação* como o estudo da relação do corpo com a cultura a partir da abordagem da incorporação do mundo social, se mostra profícua no sentido de admitirmos uma relação entre os corpos das *influencers* e suas interlocutoras no TikTok.

As *influencers* sáficas estão continuamente expostas na internet e tornam-se agentes de *ações performativas* que constroem gênero e sexualidade a partir de

valores "importados" das relações heterossexuais. Mais uma vez, colocando em termos Butlerianos, *citando* e *reiterando* o comportamento e a cultura heteronormativa através das práticas discursivas próprias da internet. Mais especificamente, as *influencers* do #sapatok, no momento em que publicam vídeos com temática de casal, mostrando "momentos da vida cotidiana", corporificam uma "cultura relacional sáfica", isto é, a cultura dos relacionamentos afetivo-sexuais entre mulheres.

[Link 1: vídeo "como explicar a fatura do cartão pra minha namorada"](#)

[Link 2: vídeo "a realidade depois de casada"](#)

[Link 3: vídeo "minha mulher tentando me ajudar nas tarefas domésticas"](#)

[Link 4: vídeo "quando prometo mil loucuras e não cumpro"](#)

Os vídeos selecionados acima podem ser considerados enquanto exemplos da hipótese trazida na presente pesquisa, no sentido do que teoriza Csordas (2008), corporificando uma *cultura relacional sáfica* na internet. Por ordem de relevância na plataforma, as contas contém, até o momento em que foram acessadas, 6,8 milhões de seguidoras, 950,7 mil seguidoras e 13 mil seguidoras. Liderando o *ranking*, o primeiro vídeo das Carolixas alcançou 522 mil visualizações e obteve 67 mil curtidas. Segundo minha perspectiva, a narrativa do vídeo deixa claro dois aspectos principais: na relação das autoras, enquanto uma posiciona-se no papel de "provedora", a outra coloca-se no papel de "esposa" que gasta demais e que utiliza do seu corpo para negociar seus "privilégios". Não intenciono aqui dizer que isso seja verdade em um sentido geral da relação delas, mas sim, que é nisso que consta a jocosidade do vídeo. O segundo vídeo selecionado, apresenta um aspecto semelhante no sentido da apresentação heteronormativa em que se encontram as autoras, perpetuando aquela velha lógica de que o "homem" casado constantemente se vê "implorando por sexo" com sua esposa - lógica semelhante ao vídeo 4. O vídeo 3, no entanto, apresenta uma faceta diferente da *corporificação* da *heteronorma* no contexto das relações sáficas: aquela referente ao trabalho do cuidado colocado, dentro das relações heterossexuais, sob responsabilidade da mulher. A narrativa do vídeo suscita o argumento da "natureza feminina voltada ao cuidado" uma vez que evidencia a falta de habilidade masculina para tal. Assim, é colocado sobre uma das autoras o papel da "mulher", e sobre a outra, o papel do

"homem". Nesse sentido, a compreensão da narrativa do vídeo se dá de forma instantânea, pois o enquadramento nos moldes heteronormativos deixa explícito seu viés. Isto posto, são diversos os aspectos presentes nos vídeos do TikTok que auxiliam no processo de *corporificação da heteronorma* no contexto das relações sáficas, sendo parte deles, as performances de gênero no que se refere ao fator estético das autoras. Proponho que façamos uma separação entre as performances que se dão no sentido de *marcar* o corpo conferindo-o características nos moldes da feminilidade, e aquelas performances que se dão no sentido das práticas que são socialmente atribuídas à categoria social *homem*. Práticas, estas, que estão vinculadas aos fatores que conferem poder aos sujeitos (BOURDIEU, 2007).

Em muitos dos casos, as autoras que mais performam masculinidade através de suas roupas, cabelos, trejeitos, etc., são também as que apresentam as práticas socialmente atribuídas aos homens no cenário das relações heterossexuais. No entanto, isso não significará que o vetor dominação-exploração (SAFFIOTI, 2004) se dará sempre no sentido masculinidade-feminilidade, mas sim, que as *normas da coerência de gênero* (BUTLER, 2003) irão orientar a violência de gênero dentro do universo sáfico. A saber, muitos dos vídeos encontrados ao longo da pesquisa de campo contém, como subtexto, práticas de violência à mulher de modo bastante naturalizado. Em vista dessas considerações, busco interseccionar aquilo que foi elaborado sobre o gênero, em justaposição ao que desenvolverei no tópico a seguir a respeito da *violência*.

3. Violência

Segundo o IMP (Instituto Maria da Penha), estão previstos cinco tipos de violência de gênero (doméstica e familiar) na lei Maria da Penha: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial - Capítulo II, art. 7º, incisos I, II, III, IV e V. A violência física é aquela entendida como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher. É considerada violência psicológica qualquer conduta que: cause dano emocional e diminuição da autoestima; prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da mulher; ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões. A violência sexual trata-se de qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força. A violência

patrimonial é aquela entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades. E por fim, a violência moral configura qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria, como por exemplo, a exposição de imagens da vida íntima, acusações e críticas mentirosas. Dito isso, faço menção, no contexto da presente pesquisa, aos tipos de violência que serão perpetradas em uma relação entre mulheres, e portanto irão configurar-se enquanto violência de gênero, pelos fatores que desenvolverei a seguir.

A partir do viés de *Judith Butler*, no qual o gênero emerge performativamente inscrito nas práticas, proponho que consideremos proveitoso seu conceito de *violência normativa* (BUTLER, 1999). Articulada com a noção de *inteligibilidade* como a capacidade de ser reconhecido como sujeito, a violência normativa desloca a nossa ideia de uma violência exercida sobre um sujeito pré-formado para uma violência que se dá *dentro* do processo de formação da subjetividade. É a violência normativa que permite que o sujeito se submeta às violências do dia-a-dia, assim como mantenha a invisibilidade destas. Segundo a autora, a *violência normativa* pressupõe e produz as morfologias ideais do sexo, bem como solidifica as suposições dominantes sobre a heterossexualidade “natural”. Para contemplar o campo da sexualidade, *Butler* traz luz à estrutura normativa que chama de *matriz heterossexual*, isto é, a *heterossexualidade* enquanto uma norma. A matriz heterossexual trata-se de "um conjunto de normas que tem como finalidade produzir sujeitos coerentes no que diz respeito a gênero/sexo/desejo" (BUTLER, 1999) e isso acontece por meio de práticas reguladoras, como a "heteronormatividade". Nesse sentido, *Foucault* (1998) propõe que os sujeitos desviantes poderão "sobreviver" uma vez coadunados ao parâmetro da *heteronormatividade*; em outras palavras, as mulheres *sáfcas* sobreviverão socialmente mediante aceitação das condutas heterossexuais. É claro que sempre haverá resistências e processos dissidentes que possibilitarão outras existências para fora disso, no entanto, refiro-me aqui aos processos hegemônicos condicionados pela estrutura do patriarcado.

Na direção do que fora proposto pelas autoras, é possível conceber que os efeitos da violência estão imbricados na própria produção do gênero feminino, estruturando as *normas* das relações afetivo-sexuais entre mulheres, além de forjar todo um conjunto de comportamentos e performances que pretendem conferir

inteligibilidade a essa gama de mulheres que não se relacionam afetivo-sexualmente com homens. Defendo que, para tal, a *matriz heterossexual* apresenta uma nova sucessão de normas culturais e *violências normativas*, angariando ferramentas tecnológicas para tornar as *mulheres sáficas* inteligíveis à sociedade. Tais práticas reguladoras têm como efeito a produção de categorias dentro da comunidade sáfica, classificando e nomeando comportamentos a partir da *matriz heterossexual*. Por esta razão, paralelamente, gostaria de conduzir a reflexão sobre a *violência* a partir do que propõe Heleieth Saffioti.

Segundo Saffioti (2004), a desigualdade, longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder e pelos agentes envolvidos na trama de relações sociais. Tal desigualdade, em se tratando da questão de *gênero*, deixa aberta a possibilidade do vetor da *dominação-exploração*, que poderá amparar o aspecto da violência. Sendo assim, para a autora, no momento em que houver *violência* tratando-se das relações regidas pela gramática sexual, a mesma poderá ser compreendida enquanto *violência de gênero*. Por conseguinte, fica patenteado que a violência de gênero pode ser incorrida por um homem contra outro ou por uma mulher contra outra. Todavia, o vetor mais amplamente difundido da violência de gênero caminha no sentido homem contra mulher, tendo a *falocracia* como contexto cultural. Isto equivale a dizer que a violência, entendida desta forma, não encontra lugar ontológico. Fundamentalmente por esta razão, a autora prefere trabalhar com o conceito de *direitos humanos*, entendendo-se por violência todo agenciamento capaz de violá-los.

A fim de apreender a temática da violência de gênero nos relacionamentos entre mulheres, proponho que coloquemos em perspectiva os processos que propiciam a violência a partir da configuração patriarcal que estrutura a sociedade em prol da defesa pela "família". Segundo o artigo produzido pelas autoras Maria Filomena Gregori e Guita Grin Debert:

Em Cenas e queixas, Gregori assinalou a imensa limitação de incorrer em uma visão que enfatiza a problemática em pauta apenas a partir de convenções explicativas que reafirmam, em vez de questionar, o dualismo entre vítima e algoz ou, ainda, reduzem as representações das mulheres à dicotomia tradicional/moderno. Tais dicotomias não servem como instrumento analítico porque supõem uma coerência a cada termo da

oposição, inexistente na dinâmica que constitui as representações e as relações sociais. (Gregori, Debert, 2008)

Essa perspectiva crítica com a qual as autoras optaram por observar a temática da violência a considera enquanto um conjunto de dispositivos que cria desigualdades de poder, mas que está aberto a transformações. Proponho pensarmos o *patriarcado* enquanto este aparato que estrutura dispositivos criadores de desigualdades de poder; e as transformações, as vivências dissidentes ao campo da cis-heterossexualidade. Isto é, se expandirmos a noção que circunscreve a violência de gênero afixada nas perspectivas que consideram o homem, o *algoz*, e a mulher, a *vítima*, seremos capazes de observar de maneira mais meticulosa os processos que propiciam as desigualdades de poder no âmbito das relações sáficas.

Dessa forma, levanto a possibilidade de pensarmos nas duas diferentes categorias de práticas que constituem as performances de gênero. A primeira diz respeito aos marcadores sociais da diferença de gênero manifestados através dos corpos sáficos. Culturalmente situados, tais marcadores sociais da diferença de gênero atuarão em prol daquilo que assinala Butler a respeito do gênero enquanto uma relação, uma socialidade, ou até, uma prática de improvisação em um cenário de constrangimentos. No universo sáfico, quanto mais longe das performances de feminilidade estiverem os corpos, maior será a vulnerabilidade social destes. Uma mulher sáfica que performa menos feminilidade estará, aos olhos da sociedade, mais distante da heteronorma, e por isso mais vulnerável à violência de gênero - dentro e fora do âmbito de uma relação afetivo-sexual. Os marcadores sociais da diferença de gênero nos corpos sáficos atuam enquanto parte dos fatores que direcionam a violência de gênero. Ressalto que essa questão poderá estar no cerne da estereotipação que acomete as "lésbicas desfem" (mulheres que relacionam-se somente com mulheres e que performam menos feminilidade segundo as relações sociais que as comportam e as classificam dessa forma). Uma mulher considerada desfeminizada poderá sofrer diversas violências, no entanto, não será ouvida da mesma maneira que uma mulher que performa a feminilidade. É sob o mesmo parâmetro heteronormativo que enquadra o homem enquanto "algoz" e a mulher enquanto "vítima" que as mulheres sáficas serão lidas - inclusive pelas grandes

instituições reguladoras que cumprem o propósito de prestar socorro aos sujeitos em casos de violência de gênero.

A segunda categoria que proponho diz respeito às práticas geradoras de desigualdades instauradas pelo sistema patriarcalista, e que, propiciam maior poder a alguns sujeitos, e maior vulnerabilidade a outros. A exemplo disso, poderíamos situar as práticas relativas ao capital e seus desdobramentos. Relacionamentos que se dão entre dois sujeitos em condições econômicas díspares poderão ocasionar com que a violência de gênero seja silenciada e perpetuada. Se observarmos a violência de gênero enquanto baseada nas assimetrias de poder imbricadas em determinadas relações sociais, seremos levadas a considerar que algumas das violências incorridas nos contextos dos relacionamentos afetivos-sexuais se dão de modo a obstaculizar o término das relações em questão. Se uma das partes é responsável pelo sustento material da família ou detêm a propriedade da moradia, esse aspecto poderá colocar a outra parte em vulnerabilidade social. Em muitos dos casos nas relações sáficas - por fatores que parecem ter conexão com as performances de gênero masculinas e suas associações no campo das práticas laborais - a mulher mais desfeminizada será também a que se responsabilizará pelo sustento da família. No entanto, essa não pode ser considerada uma constante, visto que somente diz respeito àqueles casais que se aproximam da heteronorma nesse sentido (onde o homem é colocado enquanto o "provedor").

[Link 1: vídeo "expectativa x realidade de um casal"](#)

[Link 2: vídeo "quando ela esquece a aliança"](#)

[Link 3: vídeo "Minha namorada acordando no porão depois de tocar no assunto 'término'."](#)

Os dois primeiros vídeos selecionados foram retirados da mesma conta, cujas autoras são conhecidas na plataforma como "Casal quarentena", casal sáfico formado por duas mulheres consideradas "desfem", com 16 mil seguidoras. Assim como na conta das Carolixas - onde as duas são classificadas no nicho segundo o termo "sapadrão" - o perfil comportamental desse casal ao longo das publicações mostra-se permeado por violências simbólicas. No vídeo 1, o "punch" da piada está nas promessas de violência física (além de verbal, no momento em que uma xinga a outra de "filha da puta"), bem como no segundo vídeo, onde a aliança é alcançada

através de uma faca. Na legenda do segundo vídeo, as autoras fazem questão de explicitar que trata-se de um "meme", isto é, uma espécie de piada produzida de acordo com as linguagens midiáticas. A questão que levanto está justamente na violência servir como contexto para o "meme", pois revela sua naturalização no sentido da produção de uma cultura violenta dos relacionamentos afetivo-sexuais entre mulheres. O mesmo poderia ser dito a respeito do terceiro vídeo, a respeito da naturalização da violência contida no humor do vídeo.

Tais violências naturalizadas dentro da cultura relacional sáfica podem ser observadas segundo o que teoriza Saffioti, no sentido de que constantemente violam os direitos humanos: a exemplo dos vídeos acima, o direito à vida e a liberdade. No entendimento de Saffioti, a violência de gênero poderá ser praticada em relações entre mulheres, porquanto será perpetuada através do poder concedido à categoria social *homem*.

Como efeito, em congruência com o que coloca *Heleieth Saffioti*, sugiro que as *violências simbólicas* (BOURDIEU, 1974) incorridas no contexto das relações afetivo-sexuais entre mulheres se dão segundo as lógicas do *patriarcado*, ou seja, na direção do vetor da dominação-exploração, baseado nas performances de gênero - e não a partir da disparidade muscular biológica. Com isso, não pretendo concluir que a performance de gênero irá orientar o vetor da dominação-exploração no sentido de pensarmos que as todas mulheres que performam uma masculinidade serão as executoras das violências dentro do relacionamento entre duas mulheres, pois ao postular isso, estaríamos admitindo um caráter ontológico da violência enquanto masculina. Do contrário, é possível observar que as mulheres desfeminizadas em seus corpos poderão encontrar-se em maior vulnerabilidade para a violência de gênero, segundo a perspectiva que denota a (cis) heteronorma enquanto produtora de desigualdades.

No entanto, postulo que a *violência de gênero* no relacionamento entre mulheres dar-se-á de modo a formar uma assimetria de poder entre os sujeitos mulheres, hierarquizando-as de acordo com as práticas que denotam mais poder mediante a sociedade - as performances tidas como masculinas. Nesse sentido proponho, bem como, que as mulheres que ousam *incorporar* masculinidades estejam, em relação às mulheres feminilizadas, em maior vulnerabilidade social, visto que possivelmente serão lidas enquanto *algozes* e não *vítimas*. É claro que esses fatores são mais nitidamente abstratos e mutáveis, de sorte que, uma vez

tratando-se de duas mulheres, a performance de gênero se dará, geralmente, uma em relação à outra.

[Link: vídeo "você está sendo manipulada pela sapatão mais velha"](#)

O vídeo selecionado acima serve como um exemplo das referidas vulnerabilidades geradas pelo patriarcado, no sentido da diferença de idade. Trata-se de um vídeo de #POV (*point of view*), onde a influenciadora Dudda tece uma crítica aos relacionamentos entre mulheres onde há muita diferença de idade entre as partes. Em concordância com o que teoriza Bourdieu (2007) em "*A dominação masculina*", a idade avançada do homem em relação à mulher no casal caracteriza-se enquanto signo que a favorece socialmente. Tal semiótica se confirma ao longo de meu trabalho de campo, tanto no Colégio Protásio Alves - como relatado no início desta monografia - quanto no TikTok. No entanto, o que caracteriza-se enquanto auspicioso segundo os parâmetros sociais patriarcais, na verdade representa um risco para as mulheres. Para as relações sáficas, isso não seria diferente, uma vez que a diferença de idade acarreta em vulnerabilidade à parte mais nova, de sorte que esta poderá submeter-se a diversas violências apenas por não ter experiência de vida.

Saffioti preconiza também que as mulheres lidam, via de regra, muito bem com *micro-poderes*. As mulheres sabem como tecer a malha social, operando em processos macro e em processos micro. Segundo a autora, justamente em razão das mulheres sofrerem todo tipo de violência institucional, tornam-se capazes de operar segundo as lógicas do *micro-poder* (FOUCAULT, 1998) a fim de sobreviver, e conseqüentemente, tornam-se eficazes em operar violências no âmbito micro. Nessa conjuntura, é possível perceber que as violências *emocionais e psicológicas* operadas entre mulheres nos relacionamentos sáficos ocorrem de modo intenso e articulado. Para esse efeito, que tem como razão basilar o próprio *patriarcado*, é que cunhou-se a interpretação, da qual obtive relatos em campo, de que as "mulheres são intensas, loucas e manipuladoras". A prática de campo mostrou-me que, para cada consequência direta da *matriz heterossexual* gerou-se uma explicação voltada ao comportamento feminino enquanto ontologia, que reforça as lógicas heteronormativas e patriarcais. Aqui, cabe o que postulou Butler sobre a *violência*

normativa, que tem como característica basilar a capacidade de silenciosamente ocultar-se.

[Link 1: vídeo "eu namorei uma psicopata"](#)

[Link 2: vídeo "relato de relacionamento abusivo"](#)

[Link 3: vídeo "motivo do término com a louca"](#)

Os vídeos selecionados acima referem-se ao relato de Karina Perez, influenciadora da plataforma TikTok, no momento do acesso constando 2,4 milhões de seguidoras. Tendo sido vítima de diversas violências de gênero, Karina relata ao longo dos vídeos algumas dessas violências, cuja natureza tenho a intenção de ressaltar aqui. Tratam-se, em sua maioria, de violências psicológicas, morais e patrimoniais, incorridas no contexto do relacionamento com sua ex-namorada. Nesse sentido, é possível apreender que o episódio pode ser lido segundo o que preconiza *Saffioti*, em termos de habilidades e artimanhas utilizadas nas práticas de violência relatadas. Com isso, não intenciono dizer que homens não operam violências segundo estratégias nefastas e brutais, porque o fazem, no entanto, proponho que as mulheres tenham historicamente desenvolvido-se nesse sentido a fim de sobreviver, e portanto, estejam mais capazes de operar no âmbito do micro-poder, desenvolvendo estratégias mais complexas para executar suas violências. Relatos como os da influenciadora são numerosos e permeiam as redes sociais, sempre chamando a atenção pelo viés criativo e perverso em que as violências ocorrem. Por outro lado, ao passo que são numerosas as narrativas semelhantes a esta, há, por diversas vezes, uma explicação para tal que acaba corroborando para as lógicas do patriarcado sobre as mulheres. Os títulos escolhidos pela influenciadora exemplificam isso, de sorte que o estereótipo da "ex louca" seja acionado de maneira a suscitar inteligibilidade mediante suas seguidoras. No entanto, ao utilizar tais termos, acaba-se reiterando uma explicação do fato voltada às lógicas heteronormativas, fenômeno próprio do patriarcado que sempre arruma meios de silenciar suas violências, responsabilizando mulheres individualmente através de discursos que apelam ao argumento de "natureza feminina" como corrompida e falha.

Por fim, considero válido articular teoricamente em justaposição com a perspectiva de *Walter Benjamin (2013)*, tratando a questão segundo uma *crítica da violência*, isto é, uma visão marxista do campo, observando a violência em si mesma, enquanto instauradora de sociabilidades e moralidades. Através dessa

ótica, *W. Benjamin* percebe a violência como um *agente*, capaz de produzir sujeitos e relações. Essa inteligência reconhece que no cenário relacional no qual ocorre a violência, não há objetos, somente sujeitos. Ademais, essa ação poderia ser pensada de modo correlacionado no sentido com o qual *Loïc Wacquant* circunscreve o conceito de *ecologia das relações*, quando elabora a respeito de uma *ecologia do guetto*. Nessa conjuntura, o autor desenvolve sua teoria a partir de sua etnografia dentre os jovens de Woodlawn, no sul de Chicago, Estados Unidos. Considerou, assim, que "o ringue de box lhes oferece um palco no qual podem pôr em ato os valores centrais do seu *ethos masculino*" (*Wacquant, 2002, p. 74*).

A partir dessas considerações, proponho uma reflexão que visa considerar o *campo dos relacionamentos heterossexuais* enquanto essa espécie de espaço no qual os homens sentem-se confortáveis em manifestar esse *ethos masculino* - bem como obrigados a performar nesse sentido. Acredito que faça sentido trazer ao debate certos aspectos pertinentes à noção de masculinidade dentro do parâmetro heterossexual, uma vez que este sirva como modelo ao campo das relações entre mulheres através de *heteronorma*.

Em vista do deslocamento proposto, considero pertinente a conjectura que tenciona o âmbito dos relacionamentos como esse espaço para que os homens manifestem seu *ethos masculino* em dois sentidos. O primeiro diz respeito ao aspecto da *afirmação* masculina através da sexualidade, isto é, é no campo das relações regidas pela gramática sexual é que os homens irão produzir-se enquanto sujeitos *homens*. Consequentemente, proponho que seja possível perceber que quanto mais inseguros perante seu pertencimento social, mais propícios à violência se tornarão. Em segunda instância, se pensarmos a questão no sentido das relações sáficas, poderá ser através da manifestação de uma espécie de versão modificada do *ethos masculino* que algumas mulheres "desfem" irão performar. Em busca da legitimidade social enquanto mulheres que relacionam-se com mulheres, haverá espaço para que ocorra a reprodução de muitos dos comportamentos violentos performados pelos homens.

Minha hipótese desenvolve-se no sentido de que há uma certa "naturalização" dos relacionamentos heterossexuais enquanto confortáveis para os homens e violentos para as mulheres, a qual é corroborada por uma gama de discursos e moralidades que constroem o gênero feminino voltado para o âmbito das relações e do cuidado (SAFFIOTI, 2004). Doravante, pretendo desenvolver a

reflexão em vias de correlacionar a produção do gênero feminino a partir da violência durante o período da adolescência/juventude, expondo uma breve categorização do campo.

4. Juventude

Com o propósito de delimitar a categoria social *juventude*, dou continuidade ao pensamento de *P. Bourdieu (1983)*, partindo do princípio de que somos levados a pensar a juventude como um elemento básico e universal, fundamentado no discurso biológico. Entretanto, o autor nos leva a considerar que o período de vida que decorre no intermédio da infância e vida adulta é construído social e culturalmente, porquanto está sempre posto em relação a um contexto social e histórico determinado. Sob a ótica do autor, existem diferentes modos de vivenciar a *juventude*, uma vez que sua concepção tem como elemento fundamental a disputa entre *jovens* e *velhos*. Nessa lógica, retomo o conceito de *gerações* postulado por *Karl Mannheim (1964)*, segundo o qual, o autor também desenvolve uma definição não biológica da diferença entre as velhas e novas gerações, apresentando assim a ideia de uma sociedade marcada por mudanças geracionais baseadas nos conhecimentos implícitos acumulados. Ao fim e ao cabo, para *Mannheim*, as *gerações* apresentam-se como processos dinâmicos e interativos de aporte de *cultura*, sendo este um fenômeno relevante para a sociedade no sentido de que tornam-se responsáveis pela vitalidade e dinamicidade das sociedades. Sob o ponto de vista do autor:

"a entrada de novas pessoas obstrui os bens constantemente acumulados, mas também produz inconscientemente nova seleção e revisão no campo do que está disponível; nos ensina a esquecer o que já não é útil e a desejar o que ainda não foi conquistado" (*Mannheim, 1964 p. 532*).

De acordo com tal perspectiva, está no aparato cultural em comum aquilo que faz do sujeito pertencente a determinada geração. Nessa direção, o *jovem* e o *velho* estão constantemente em relação um ao outro, sendo pertinente a apreensão das ideias de *Mannheim* na observação do ambiente escolar, no qual fica nítida a

disputa entre alunos e professores. Ao longo de minha pesquisa de campo no Colégio Protásio Alves, fui orientada por diferentes professores da escola a me comportar "menos como os alunos" ou "me misturar menos". Na sala dos professores, ouvi uma professora referir-se a um aluno como "monstrinho" e "aborrecente". A própria utilização desse termo é intrigante no sentido de que é nítido que o fenômeno das *gerações* "aborrece" os *velhos*. A expressão do termo "monstrinho" poderia ser situada exatamente no que se refere *Rosângela Soares* em "Adolescência: monstruosidade cultural?" evidenciando o estigma acometido pela disputa geracional transcorrida no ambiente escolar.

Segundo a orientação teórica redigida por *Mannheim*, as dificuldades existentes entre professores e alunos estão relacionadas às orientações ou visões de mundo distintas de cada geração, como se "os sedimentos mais profundos não pudessem ser desestabilizados" (*Mannheim, 1964, p. 540*). A superação dessa tensão implica em uma interação e troca de papéis: "não é só o professor que educa o aluno, também o aluno educa o professor. As gerações estão em constante interação". Nesse sentido, meu posicionamento como professora de Sociologia na escola me aproximava mais aos alunos do que aos professores, embora não tivéssemos semelhança em termos de faixa-etária.

Isto posto, com o objetivo de introduzir a questão da iniciação da sexualidade pertinente ao problema de pesquisa da presente monografia, proponho também a delimitação da *adolescência* como uma categoria social. A adolescência enquanto período de transição entre a infância e a vida adulta é um conceito relativamente recente construído por diversos fatores, dentre os quais estão os biológicos e os sociais (SOARES, 2000). Considerando aspectos biológicos, adolescentes passam por alterações fisiológicas relacionadas aos órgãos sexuais e à capacidade reprodutiva, motivos pelos quais se atribui a essa fase da vida o início dos desejos e atividades ligadas à sexualidade. A adolescência em especial é colocada como o momento em que a experimentação da sexualidade possibilitará uma construção de identidade, nesse sentido, é pertinente considerar que trata-se de um período decisivo para a produção dos marcadores sociais da diferença de gênero. Por essa razão, a *sexualidade* das adolescentes está sob constante vigilância - sobretudo, dentro do espaço escolar (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004). Nesse viés, *Maria Cristina Cavaleiro (2009)* chama de "pedagogia dos hormônios" um dos fenômenos que explica o controle sobre a sexualidade juvenil na escola sob justificativa de uma

suposta ebulição hormonal ocorrida na adolescência. Por conseguinte, o atravessamento da escola por pautas relacionadas à sexualidade é inevitável, pois trata-se de questões presentes e pulsantes nos corpos e mentes dos adolescentes que frequentam a escola.

No decorrer do trabalho de campo, observei que a resposta pedagógica apresentada pela escola para tais "questões presentes e pulsantes nos corpos e mentes dos adolescentes" se dá limitada ao campo da disciplina de Biologia. Mediante questionamentos sobre sexualidade formulados por algumas alunas em sala de aula, fui interpelada a produzir um conteúdo acerca da temática da *sexualidade*. Como fui professora estagiária, não tive escolha senão solicitar ao corpo docente autorização para trabalhar o tema em aula. Como resposta, recebi o seguinte conselho:

- Olha, você pode até fazer, mas vai comprar uma briga. (docente)

- Por que você acha isso?

- Aqui na escola, só quem aborda a temática da Sexualidade é a professora de biologia. Parece que o assunto é meio que propriedade da disciplina... Ela fica até brava com quem quer falar disso em aula. (docente)

Em observação na sala de professores, inferi que tratava-se de um conselho pertinente. Em uma segunda análise, constatei que este é um cenário comum no ambiente escolar, visto que é cognoscível que a temática da sexualidade seja abordada somente no tocante ao seu âmbito biológico. Entretanto, é da ordem do urgente que comecemos a transgredir tal rigidez pedagógica, a ponto de percebermos que o campo das Ciências Sociais têm muito a enriquecer o debate dentro do ambiente escolar.

Isto posto, é possível refletir a respeito dos fenômenos que atravessam o campo da juventude/adolescência de modo a notar as diversas violências normativas e simbólicas que fazem parte da produção do gênero feminino nesse período. Em especial, no período da adolescência os sujeitos estão em constante contato com instituições disciplinatórias como família, escola ou até, como é a

proposta da presente pesquisa, as redes sociais. Por esse ângulo, proponho examinarmos a questão através das moralidades produzidas nesse sentido.

5. Moralidade

Em virtude das reflexões postas até o aqui, busco justapor o conceito de *moral* segundo o que foi apresentado por *Durkheim (2007)*, no qual afirma que os fenômenos e os fatos relacionados à moral estão fundamentalmente situados na própria sociedade. O autor entende que cada sociedade, ao longo de sua história, cria suas próprias regras morais, as quais, vistas como um sistema, são profundamente distintas dos demais conjuntos morais de outras sociedades. Isso quer dizer que cada sociedade, tomada individualmente, é a gênese de seus princípios morais.

Dito isso, penso também em consonância com o que propõe *Michel Foucault* a respeito do *código moral*, entendendo o objeto enquanto "um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc." (FOUCAULT, 1984, p. 26) Tais regras e valores podem dar-se de modo explícito, bem como poderão ser transmitidas de modo difuso, constituindo um conjunto sistemático de elementos que compensam-se e anulam-se, permitindo compromissos e escapatórias. A investigação do autor se dá interessado na constituição do indivíduo no sentido de compreender de que maneira a ação de acordo com os códigos morais, além de observar como estabelecem relações quanto a isso.

A correlação entre Durkheim e Foucault está na ênfase compartilhada em torno do contexto social na produção da moralidade. Durkheim destaca a construção histórica na criação dos sistemas morais distintos e específicos para cada sociedade, enquanto Foucault explora os mecanismos pelos quais os códigos morais são transmitidos e aplicados dentro da sociedade. Ambas as perspectivas salientam a influência social nas normas morais, sendo Durkheim focado na formação dessas normas ao longo de períodos históricos e Foucault examinando os mecanismos pelos quais são difundidos e internalizados em indivíduos e grupos.

A partir dessas delimitações, gostaria também de embasar meu objeto de pesquisa com suporte do que propõe *J. Robbins (2015)* a respeito dos valores e da

exemplaridade. Segundo *Robbins*, os valores são aquilo que, pelo menos em parte, nos levam a desejar fazer algo que seja considerado socialmente como correto/desejado, sendo encontrados no que o autor intitulou como *exemplares* ou *exemplos*, isto é, concretizações dos valores em sua plenitude. Os vídeos do #sapatok expõem partes da vida pessoal das *influencers*, caracterizando-se enquanto *exemplaridades*, produzindo modos de ordenar as relações afetivo-sexuais entre mulheres segundo a heteronormatividade. Em vista disso, diversas noções passam a fazer parte de um *senso comum* do universo sáfico. Trata-se de práticas *recicladas* do universo heterossexual, mas também acabam-se gerando novas noções próprias desse universo.

Nesse sentido, proponho juntamente analisar o *universo sáfico* de acordo com o que teorizou *N. Elias (2000)* a respeito de uma relação *estabelecidos-outsiders*. Segundo o qual, os indivíduos *estabelecidos* atribuem a seus membros características humanas superiores, enquanto os *outsiders* julgam-se inferiores e carentes de virtudes. No ângulo segundo o qual opto por olhar a questão, a *heteronorma* pode ser entendida enquanto *código moral* que regula quais são as performances no campo das relações afetivo-sexuais que farão de determinados indivíduos os *estabelecidos*, isto é, aquelas mulheres que não serão vistas tão pejorativamente mediante o meio. Na escola, essas performances se dão de maneira quase que teatral, visto que os adolescentes parecem comportar-se de modo a espelhar o que vêem de modo muito literal. Durante o trabalho de campo, observei que, quanto mais as meninas que já experienciaram sexualmente no âmbito sáfico agiam "como os meninos", mais aceitas elas eram. Comportamentos como, andar com outros meninos, ter cabelos curtos, falar "palavrão", etc, pareciam ser mais aceitos pelo meio. Em contrapartida, uma das meninas que conversei estava se relacionando agora com um menino, após um bom tempo somente relacionando-se com meninas. O estranhamento que ela relatou perceber, vai de encontro com minha perspectiva. No momento em que ela "saiu da caixinha" da inteligibilidade social onde estava, começou a sofrer alguma espécie de repressão.

Por esse motivo, acredito que possa ser pertinente pensarmos no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais entre mulheres enquanto uma determinada instância cultural na qual fundamenta-se os princípios e *valores* da heteronormatividade. Isto é, a moral associada ao *amor sáfico* têm suas raízes profundamente arraigadas no patriarcado, uma vez que este também regula o

comportamento dos atores nas relações heterossexuais. O *patriarcado* aqui assume a forma do *sistema* que regula os conjuntos morais associados à conduta das relações amorosas, porquanto trata-se do campo que parte de uma premissa binária pautada pelo sistema sexo-gênero. Em campo, foi possível observar que os mesmos discursos reproduzidos nas relações heterossexuais tomavam um novo formato quando aplicados às relações sáficas, porém mantendo suas lógicas.

[Link 1: vídeo "do nada ele quis ir junto"](#)

[Link 2: vídeo "como acabar com a insônia da sua mulher"](#)

[Link 3: vídeo "quando vejo que meu *boy* tá muito felizinho com os amigos"](#)

[Link 4: vídeo "não deu certo, não abriu as pernas aqui não"](#)

Optei por selecionar os 4 vídeos acima com o intuito de exemplificar a questão que proponho aqui a respeito do patriarcado enquanto sistema que regula os conjuntos morais associados à conduta dos sujeitos nas relações afetivo-sexuais. A influenciadora do nicho heterossexual do TikTok Mirela Janis, trata-se de uma sub-celebridade que atua também em outras redes sociais, bem como já participou de alguns *reality shows*, tais como o programa "De Férias com o Ex" disponível na Paramount+. Sua conta no TikTok conta com 9,1 milhões de seguidoras. É observável ao assistir aos vídeos selecionados, que as narrativas estejam sendo compostas pelas mesmas lógicas dos vídeos do #sapatok que expus ao longo da monografia, alguns até, fazendo as mesmas piadas de maneiras similares.

A violência encontrada como subtexto (como a violência sexual evidenciada no vídeo 4) em muitos dos vídeos com a temática de relacionamentos na plataforma, encontra espaço dentro da cultura, uma vez que considero uma experiência comum para as mulheres a obliteração das vivências violentas, uma vez que a configuração familiar patriarcal nos ensina que *amor* e *violência* coexistem. Ademais, na esfera familiar estamos habituados a conceber o cuidado oferecido a nós desde crianças como *amor*; recebemos, também, *violência* e *controle* (MCKEARNEY; AMRITH, 2021) que nos é expressa sob o subterfúgio do *cuidado*.

Dessa forma, operando orientada no sentido de pensar "possibilidades, ao invés de determinismos" (BATISTA; SOUZA, 2019), acredito ser possível conduzir o debate no sentido da expressão do *cuidado* através do *ciúme* no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais. Para a cultura heteronormativa dos

relacionamentos, o ciúme, embora controverso, acaba sendo percebido como manifestação de amor. O mesmo ocorre no contexto das relações entre mulheres, traduzido para os termos da cultura relacional sáfica. Nesse cenário, gostaria de situar o *ciúme* enquanto prática que contém em si o aspecto da *emoção* enquanto experiência subjetiva e ao mesmo tempo *técnica corporal*; e cujas regras (VINCENT-BUFFAULT, 1988) estão constantemente sendo geradas pela moral. Encontra-se no campo da moral (proveniente da cultura) aquilo que ordenará as práticas do *ciúme* no contexto das relações amorosas. De acordo com esse ponto de vista, a mesma justaposição entre violência e amor que ocorre na matriz cultural familiar patriarcal, reincide na esfera dos relacionamentos amorosos heterossexuais; e, portanto, acaba sendo reproduzida nas relações sáficas.

O ciúme cumpre o papel de "medida quantitativa de amor", baseado no fundamento moral que carrega. Quanto mais há a experiência do ciúme em uma relação, maior é o amor entre os entes. Para além de pensar o ciúme como proveniente da noção de *posse*, é possível conceber que o ciúme fundamenta-se dentro das relações como algo inerentemente parte da cultura relacional heterossexual e monogâmica. O ciúme opera como prática naturalizada, uma vez que a "traição" é posta enquanto *o maior problema possível* desde a gênese de qualquer relacionamento. Gerado pela experiência traumática individual de ter sido traída ou apenas pela sensação de medo coletivamente compartilhado de um dia o ser, é que as práticas do ciúme são dadas. A partir dessa premissa, a perspectiva moral que tal emoção carrega, gera um conjunto de *regras de trocas de violências* entre os atores no contexto do relacionamento afetivo-sexual. Mais especificamente, em se tratando de relacionamentos sáficos, nos quais as mulheres serão mais habilmente capacitadas a operar na esfera do *micro-poder* (SAFFIOTI, 2004), as práticas violentas admitidas pelo ciúme serão capazes de encontrar novas e vigorosas formas.

Em minha etnografia virtual, fui capaz de selecionar mais de 50 vídeos do #sapatok que continham a temática do ciúme. Em sua maioria tratando-se de vídeos humorísticos, o elemento da violência foi ponto em comum que claramente detém a função de salientar a moralidade do ciúme e sua tolerância às práticas violentas nas relações sáficas. Se formos ampliar a pesquisa para o nicho dos vídeos de humor sobre relacionamentos heterossexuais, iremos perceber que há essa mesma premissa, mais evidente ainda. Pude perceber que há uma diferença entre os dois

nichos: no segmento heterossexual já existe uma certa censura sobre vídeos que remetam à violência contra a mulher (ainda que pouca); por outro lado, os vídeos sáficos reproduzem as mesmas lógicas, fazendo livremente alusão à violência entre as parceiras, geralmente postulando a figura que performa mais feminilidade no papel de "louca ciumenta". A falta de um ator *homem cisgênero* parece obliterar a noção de *violência* no âmbito dos relacionamentos - nos vídeos e também na realidade empírica.

Alicerçado nisso, optei por desenvolver uma breve categorização sobre o "amor", objeto que torna-se relevante ao campo, uma vez que configura elemento fundamental a fim de pensar as relações afetivo-sexuais. Destaco que, para a presente pesquisa, parto do pressuposto de não adotar uma visão essencialista do amor, deslocando a perspectiva sobre este como um processo psicobiológico universal, vivenciado de forma semelhante entre indivíduos de culturas ou períodos históricos distintos. Em vez disso, situo o *amor* enquanto uma construção sócio-cultural, uma entidade histórica e determinada, capaz de ser experimentado de maneiras diferenciadas a partir de locações sociais e momentos históricos específicos (BISPO, 2009). Os sentimentos, segundo Raymond Williams, "têm uma existência concreta e sua 'presença' traz efeitos reais no mundo, isto é, são experiências que se desdobram em outras experiências e atuam decisivamente na dinâmica social." (RIBEIRO, 2020, p. 6). Através do entendimento do autor, é possível dar ênfase às formações emergentes dos afetos, identificando as tendências que regem as transformações sociais que asseguram o caráter inconstante da cultura.

"Estamos então definindo esses elementos como uma 'estrutura': como uma série, com relações internas específicas, ao mesmo tempo engrenadas e em tensão. Não obstante, estamos também definindo uma experiência social que está ainda em processo, com frequência ainda não reconhecida como social, mas como privada, idiossincrática, e mesmo isolada, mas que na análise (e raramente de outro modo) tem suas características emergentes, relacionadoras e dominantes e na verdade suas hierarquias específicas." (Williams, 1979, p. 134).

À vista das considerações de Williams, é possível compreender os sentimentos enquanto fenômenos interativos, capazes de promover uma

“consciência intersubjetiva inédita” mediante o “estoque de conhecimento à mão” (RIBEIRO, 2020). Isto é, aquilo que emerge a partir do que já se tem, como uma espécie de estrutura crescente de transformações culturais.

Em congruência com essa linha de pensamento, Bell Hooks em "Tudo sobre amor: novas perspectivas" (2021) discorre sobre como a falta de um conceito delimitado sobre o amor nos faz confundi-lo com o cuidado e recebê-lo concomitantemente à violência. Segundo a autora, o cuidado faz parte do espectro do amor, mas não se limita a ele. Bell Hooks entende o amor como "a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa" (HOOKS, 2020, p. 52).

Assim como elabora Anne Vincent-Buffault a respeito da "troca de lágrimas e suas regras", considero que o *amor* - bem como outras manifestações emocionais - opera também segundo as normas sociais, podendo ser compreendido enquanto um sentimento moral (FASSIN, 2018). Consequentemente, se estamos pensando as moralidades e normas das relações afetivo-sexuais, estamos nos referindo à heteronormatividade. Levando em conta isso, as emoções operam nessa dimensão fronteira entre sentimento e pensamento, incorporando ideias em modos de sentir.

Em outras palavras, sentimentos também são práticas sociais, estruturadas pelas formas de compreensão e concepção do corpo, do afeto e da pessoa, que por sua vez, são culturalmente definidas. Nesse viés, proponho que o argumento que diz "lésbicas são emocionadas" descreve em si o fato de que o gênero feminino incorpora a *técnica corporal* do amor, dado sua produção cultural voltada para tal, ao invés de descrever uma pretensa "natureza feminina voltada para as emoções".

Consequentemente, sugestiono aqui, pensarmos o *amor sáfico* enquanto uma técnica corporal ou um conjunto de técnicas corporais (MAUSS, 2003), analisando a questão para além do âmbito do *disciplinamento* dos corpos femininos, ampliando a reflexão nesse sentido e buscando compreender de que modo o amor sáfico é aprendido através das pedagogias provenientes da plataforma TikTok.

Dados estes fenômenos, é possível pensar as novas sensibilidades contemporâneas e atualizações de dinâmicas emocionais historicamente configuradas a partir de mídias digitais como o TikTok, se considerarmos alguns fatores que mobilizam tais sensibilidades através de seus dispositivos de produção cultural em massa.

6. Proposta de material didático e divulgação científica no TikTok

Em vista disso, optei por fundamentar teoricamente no presente trabalho aquilo que produzi na forma de *material didático* voltado para a plataforma TikTok, justamente no intuito de me alinhar às influenciadoras que fazem um trabalho de divulgação científica para a internet. Citando uma influenciadora digital que produz conteúdo sobre ciência para as redes sociais, a bióloga *Mariana Krüger* disse em um de seus vídeos que "precisamos de menos influenciadores que pensam ser especialistas, e mais especialistas dispostos a influenciar".

Me alinho a esta perspectiva, em especial em se tratando do movimento pedagógico com o qual as redes sociais tomam. É lamentável que, no entanto, muitas das referidas práticas pedagógicas atuam como *re-produtoras* de *senso comum*. Sendo assim, da diversidade de vídeos consumidos todos os dias pelo público jovem, grande parte destes assumem um caráter reincidente das concepções de gênero e sexualidade da *cultura* dos relacionamentos baseada na cis-heterossexualidade.

Em contrapartida, optei por compor uma série de vídeos com a temática da *violência de gênero em relações sáficas*, publicados em minha atual conta no TikTok, onde já produzo conteúdo voltado para o público adolescente. O caminho que me dispus a seguir, posicionando-me como "professora de Sociologia", se deu na direção de aproximar-me do contexto escolar, uma vez que a Sociologia é uma disciplina que está presente na grade curricular brasileira no momento. De acordo com meus conhecimentos prévios a respeito da produção de conteúdo para a plataforma, a criação de uma "persona" faz parte do processo de roteirização midiática característica das redes sociais. Ou seja, a criação da "persona" se dá no sentido de traçar um perfil de usuária com a qual pretendo interagir, a partir dos vídeos. Uma espécie de interlocutora cujos vídeos serão produzidos direcionados à ela. Nesse sentido, a criação de minha "persona" foi a partir de uma de minhas alunas e seu grupo de amigas. Elas foram colocadas enquanto perfil ideal para interlocução justamente por seu engajamento nas aulas, curiosidade, modos de enxergar as coisas, e, até mesmo, seus conhecimentos previamente adquiridos sobre o campo. Tratam-se de adolescentes curiosas e atentas aos aspectos sociais levantados por minha pesquisa, em suas próprias linguagens e contextos, a partir de seus próprios referenciais.

Foram 8 vídeos produzidos em formato próprio para a plataforma TikTok, me apropriando das linguagens midiáticas, com a temática da "*violência de gênero nas relações sáficas*". Para além de circunscrever o assunto com o suporte dos autores das Ciências Sociais, ao longo dos vídeos trago relatos, exemplos e considerações que fazem parte de meus *saberes localizados* (HARAWAY, 1995), na intenção de construir um material interdisciplinar o suficiente para que haja compreensão e engajamento da parte de minhas interlocutoras. Em vista disso, também faço uso das técnicas necessárias para "escapar" da verificação da plataforma, uma vez que o TikTok tem como regulamento por banir algumas palavras, tais como "violência", "sexo", "estupro", etc. Para tal, o aplicativo examina palavras ditas em áudio, bem como letras nas legendas e títulos. Por conta disso, achei por bem trocar algumas sílabas e letras de lugar, a fim de que minhas visualizações não fossem derrubadas.

Vídeo Piloto

[Por que os termos sáficos são tão "dramáticos"?](#)

Vídeo 2

[Mulher que bate em mulher: é violência doméstica?](#)

Vídeo 3

[Quem é a "mulher da relação"?](#)

Vídeo 4

[Namorar mulheres mais velhas: é uma cilada?](#)

Vídeo 5

[Violência psicológica nos relacionamentos entre mulheres](#)

Vídeo 6

[Violência sexual nos relacionamentos entre mulheres](#)

Vídeo 7

[Violência patrimonial nos relacionamentos entre mulheres](#)

Vídeo 8

[#POV você é a mulher da relação](#)

Conclusão

Por fim, mostrou-se produtivo problematizar os fenômenos citados no intuito de discutir os modos de produção e constituição das performances de gênero dos sujeitos mulheres dentro da esfera relacional sáfica, sobretudo ao longo do período da adolescência. Nesse sentido, defendo que a matriz heterossexual tenciona apresentar uma nova sucessão de valores e violências normativas, angariando ferramentas tecnológicas para tornar as mulheres sáficas inteligíveis à sociedade. Por essa razão, a violência de gênero nos relacionamentos entre mulheres acontece através da estrutura heteronormativa que mobiliza os agentes de modo a manter a assimetria social encontrada nos relacionamentos heterossexuais, bem como procura seguir seu projeto de formação de sujeitos femininos, por meio do dispositivo da sexualidade, com o intuito de prosseguir a manutenção do patriarcado. Tal estrutura heteronormativa produz o gênero feminino, desde o período da adolescência, ensinando e disciplinando-o segundo seus parâmetros, através da violência perpetuada pelos diversos aparatos tecnológicos que circunscrevem um regime de *tecnossocialidade* (STONE, 1991), isto é, um "processo de construção sociocultural posto em ação na esteira das novas tecnologias" (ESCOBAR, 2016). Sendo o aplicativo TikTok uma destas tecnologias, no momento da presente pesquisa, primordialmente tratando-se da Geração Z. Assim, deixo aberta a possibilidade para pensarmos as *influencers sáficas* enquanto *exemplaridades* produtoras de *valores* (ROBBINS, 2015) ou seja, sujeitos que, ao produzir conteúdo com a temática de relacionamentos no *#sapatok*, *corporificam* (CSORDAS, 2008) modos de ordenar as relações afetivo-sexuais entre mulheres segundo a *heteronorma*. A fundamentação teórica que surgiu para possibilitar as considerações colocadas até aqui foi dada a partir das dimensões moralidade/corpo/emoções que articulam a esfera de gênero e sexualidade, mediante alguns dos marcos teóricos dos estudos antropológicos no campo da violência e juventude. Em suma, através das etnografias e elaborações teóricas no campo da Antropologia trazidas na presente monografia é que foi possível produzir

o material didático sobre a temática da violência de gênero, voltado às relações entre mulheres, tema cuja relevância torna-se iminente a cada dia que passa.

Bibliografia

ALMEIDA, Ana Laura e SOARES, Rosângela Rodrigues. Narrativas de mulheres lésbicas sobre as vivências no cotidiano e no período escolar. *Revista Estudos Feministas* [online]. 2021, v. 29, n. 1 [Acessado 11 Outubro 2023], e67625. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n167625>>.

ANTUNES, R. & MACHADO, C. (2005). Dupla invisibilidade: A violência nas relações homossexuais. *Psychologica*, 39, 167-187.

BARBOSA, Alexandre Rodrigues. Divulgação científica na internet: criatividade e (re)produção didática no trabalho de 'criadores de conteúdo online' de física para Youtube e Tiktok. Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37294> Acesso em: 11 de Janeiro de 2024.

BARROS, I. C., SANI, A., & SANTOS, L. (2019). Gender and same-sex intimate partner violence: A systematic literature review. *Temas em Psicologia*, 27(1), 127-139. doi:10.9788/tp2019.1-10 » <https://doi.org/10.9788/tp2019.1-10>

BATISTA, D. C.; SOUZA, J. F. DE. A lesbianidade materializada nos corpos (nem tão) femininos. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), n. 31, p. 81–100, jan. 2019.

BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*. Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo, Duas Cidades; Editora 34, 2013.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. A Juventude é apenas uma palavra. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121.

_____. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2007.

BOYD, Danah M. & ELLISON, Nicole B. 2007. "Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship". Journal of Computer-Mediated Communication Vol. 13, Issue 1, p. 210-230, October. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393>.

BISPO, Raphael. Jovens Werthers: Antropologia dos Amores e Sensibilidades no mundo. Emo/ Raphael Bispo. Rio de Janeiro: UFRJ/ Museu Nacional/ PPGAS, 2009.

BUTLER, Judith. El género en disputa. El feminismo y la subversión de la identidad. Barcelona: Paidós, 2007 [1990, 1999].

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org). O Corpo Educado. Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 151-172.

_____. Discurso de ódio/Uma política do performativo. São Paulo, editora Unesp, 2021.

_____. The psychic life of power – theories in subjection. California: Stanford University Press, 1997.

_____. Bodies that Matter. On the discursive limits of "sex". New York: Routledge, 1993.

_____. Imitation and Gender Insubordination (1990). In BUTLER, Judith; SALIH, (Eds). The Judith Butler Reader. Malden/MA: Blackwell Publishing, 2004, p. 119-137.

_____. LACLAU, Ernesto; ŽIŽEK, Slavoj. Contingency, hegemony, universality: contemporary dialogues on the left. London: Verso, 2000.

CACCIA-BAVA, A. e COSTA, D. I. P. da. "O lugar dos jovens na história brasileira" In: CACCIA-BAVA, A. et al. (orgs) Jovens na América Latina. São Paulo: Escrituras Editora, 2004, p. 63-114.

CAMPOS, Ricardo. "Juventude e visualidade no mundo contemporâneo: uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis" Sociologia, Problemas e Práticas, vol. 63, pp. 113-137, 2010.

CAVALEIRO, Maria Cristina. Feminilidades homossexuais no ambiente escolar: ocultamentos e discriminações vividas por garotas 2009. Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

CITELI, MARIA TERESA. "Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento". Rev. Estudos Feministas, 2001, vol.9, no.1, p.131-145.

COELHO, Maria Claudia. 2006. "Emoção, gênero e violência: experiências e relatos de vitimização". RBSE, 5(13):36-53.

_____. Narrativas de violência: a dimensão micropolítica das emoções. In: Mana – Estudos de Antropologia Social, 16(2), outubro de 2010.

COLEMAN, James S. The adolescent society. The social life of the teenagers and its impact on Education. Nova Iorque: Macmillan Company, 1961.

Costa, L., Machado, C., & Antunes, R. (2009). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. Recuperado de <https://www.rea.pt/artigos-cientificos/> » <https://www.rea.pt/artigos-cientificos/>

CSORDAS, T. Corpo/significado/cura. Porto Alegre: UFRGS, 2008. (Introdução, partes I, II e "Modos somáticos de atenção").

_____. The body's career in Anthropology. In: Moore, H. (ed.), Anthropological Theory Today. Cambridge, Polity Press, 1999, pp.172-205.

DAMATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: Publicações do programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, 1974.

DEBERT, Guita Grin e Gregori, Maria Filomena. Violência e gênero: novas propostas, velhos dilemas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* [online]. 2008, v. 23, n. 66 [Acessado 27 Fevereiro 2024], pp. 165-185. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092008000100011>>. Epub 28 Jul 2008. ISSN 1806-9053. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092008000100011>.

DEROUET, Jean-Louis. A Sociologia das Desigualdades em Educação posto à prova pela segunda explosão escolar: o deslocamento dos questionamentos e reinício da crítica. *Revista Brasileira de Educação*. N. 21, Set/Dez, 2002, p. 05-16.

DULLO, Eduardo. Uma pedagogia da exemplaridade: a dádiva cristã como gratuidade. *Relig. soc.*, 31(2), p. 105-129, 2011.

DUNKER, Cristian (et. all.). *Ética e pós verdade*. Porto Alegre, editora Dublinense, 2017.

DURKHEIM, Émile. O ensino da moral na escola primária. *Novos Estudos*, n. 78, p. 59-75, 2007.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. RJ: Zahar, 2000.

ESCOBAR, Arturo. Bem-vindos à *Cyberia*: notas para uma antropologia da cibercultura. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (orgs.). *Políticas etnográficas no campo da cibercultura*. Brasília: ABA Publicações, 2016, p. 19-56.

FASSIN, Didier. Além do Bem e do Mal? Questionando o desconforto antropológico com a moral. In: RIFIOTIS, Theophilos e SEGATA, Jean. *Políticas Etnográficas no Campo da Moral*. POA, Ed. da UFRGS, p. 35-50, 2019.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. 2002. "Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação". Revista Brasileira de Educação N. 20, maio/jun./jul./ago.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. A História da Sexualidade (Volume 2): O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 8ª edição, 1998 [1984].

_____. História da Sexualidade (Volume 3): O cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. Ditos e escritos. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREYRE, Gilberto. Novo Mundo nos Trópicos. São Paulo: Global, 2011.

_____. Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2005.

_____. Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2006.

GIDDENS, Anthony. O amor romântico e outras ligações. In: GIDDENS, A. A transformação da intimidade. São Paulo: UNESP. P. 47-75.

GOFFMAN, E. A representação do Eu na vida Cotidiana. 14a Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GREGORI, M. F. Relações de violência e erotismo. Cadernos Pagu, [S. l.], n. 20, p. 87–120, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644596>.

Acesso em: 24 out. 2023.

GROPPO, Luís Antonio. "Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis". Em Tese, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul., 2015.

HARAWAY, Donna. "Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX". In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org. e Trad.). Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 37-129.

_____. "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial". Cadernos Pagu, nº 5, 1995, pp. 07-41.

HIRATA, Helena. 2014. "Gênero, Classe e Raça: Interseccionalidade e Consustancialidade das relações sociais". Tempo Social - Revista de Sociologia da USP. Vol. 26, n. 1, p. 61-73, jun.

HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.
HOOKS, bell.

IMP. Instituto Maria da Penha, 2023. Violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html> Acesso em: 18 de dezembro de 2023.

KRÜGER, Mariana. A gente precisa de menos influenciadores que pensam ser "experts", e mais "experts" dispostos a influenciar. São Paulo. TikTok, 2023. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMjtNVSsT/> Acesso em: 23 de dezembro de 2023.

LAQUEUR, Thomas. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2001 [1990]. Cap. I

LE BRETON, David. Antropologia das Emoções 1. In: As paixões ordinárias. Antropologia das Emoções. Petrópolis: Vozes, 2009.

LÉVI, G; SCHMITT, J.C. História dos Jovens – vol. 2 A época contemporânea. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996, p. 7-15 e 352-382.

LORDE, Audre. "Usos do Erótico: o erótico como poder". In: Irmã outsider. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. 2000. "Pedagogias da sexualidade". In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica .

LOURO, Guacira Lopes. 2009. "Heteronormatividade e Homofobia". In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/ Unesco.

LUSA, Mailiz Garibotti. "Desconstruindo o heterocentrismo da violência nas relações conjugais". Revista Katálysis, v. 11, n. 1, 2008.

LUTZ, Catherine. 1988. Unnatural emotions: everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to Western theory. Chicago: University of Chicago Press.

_____. 1990. "Engendered emotion: gender, power, and the rethoric of emotional control in american discourse". In: C. Lutz & L. Abu-Lughod (orgs.), Language and the politics of emotion. Cambridge: Cambridge University. Press. pp. 69-91.

_____. & ABU-LUGHOD, Lila (orgs.). 1990. Language and the politics of emotion. Cambridge: Cambridge University. Press.

MACHADO, L. Z. Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. Cadernos Pagu, [S. l.], n. 11, p. 231–273, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634634>.

Acesso em: 24 out. 2023.

MAGNANI, J. G. O velho e bom caderno de campo. Revista Sexta Feira, n.1, p. 8-12, maio 1997.

_____. Etnografia como prática e experiência. Horizontes Antropológicos [online]. 2009, v. 15, n. 32 [Acessado 31 Outubro 2023], pp. 129-156. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200006>>.

MANNHEIM, Karl. "O problema sociológico das gerações" In: FORACCHI, M. (org.) Karl Mannheim: sociologia. São Paulo: Ática, 1964, p. 67-95.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. "La juventude es más que uma palavra". In: MARGULIS, Mario (editor). La juventude es más que uma palavra. Buenos Aires: Biblos, 1996, p. 13-30.

MCKEARNEY, Patrick, and AMRITH, Megha (2021) 2023. "Care". In The Open Encyclopedia of Anthropology, edited by Felix Stein. Facsimile of the first edition in The Cambridge Encyclopedia of Anthropology. Online:<http://doi.org/10.29164/21care>

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosacnaify, 2003.

MONCAU, Gabriela. 2018. "Sistema sexo-gênero - Gayle Rubin". In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/sistema-sexo-genero-gayle-rubin>

MOURA, Samantha Nagle Cunha de; RAMOS, Marcelo Maciel. A mulher lésbica é mulher para a Lei Maria da Penha?. Revista Direito e Práxis [Recurso Eletrônico], Rio de Janeiro, v.13, n.2, 2022. Disponível em <https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/44408>. Acesso em: 23 jun. 2022.

NICHOLSON, Linda. "Interpretando o gênero". Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2000, vol.8 (2).

PARAÍSO, Marlucy Alves. 2012. "Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas". In: MEYER, Dagmar Estermann & PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs.). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação Belo Horizonte: Mazza Edições.

PAREDES, Arthur. As redes sociais mais utilizadas: números e estatísticas. Blog da IEBSchool: Blog da Business & Technology, Empreendedores, Marketing e Mídias Sociais, 2020. Disponível em: <https://www.iebschool.com/pt-br/blog/social-media/redes-sociais/as-redes-sociais-mais-utilizadas-numeros-e-estatisticas/> Acesso em: 31 de outubro de 2023.

PARSONS, Talcott. A classe como sistema social. In: BRITTO, Sulamita de (org.). Sociologia da juventude. vol. III. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 47-76.

PERALVA, Angelina. “O jovem como modelo cultural” Revista Brasileira de Educação, nº 5 e 6, pp. 15-24, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido. O professor reflexivo - Construindo uma crítica. Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito/Selma Garrido Pimenta, Evandro Ghedin, (orgs.) - 4. ed. - São Paulo: Cortez, 2006

PISCITELLI, Adriana. “Nas fronteiras do natural: gênero e parentesco”. Revista Estudos Feministas. Rio de Janeiro, 1998, vol.6 (2), p.305-321.

_____. “Recriando a (categoria) mulher?” In: ALGRANTI, L. (org.) A prática feminista e o conceito de gênero. Textos Didáticos, n. 48, p. 7-42, 2002.

PRECIADO, Paul. Manifesto Contrassexual. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014. 223

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. 2010. Antropologia das Emoções. Rio de Janeiro: Editora FGV. (Introdução; capítulo 1: “Emoções: biológicas ou culturais?”; capítulo 2: “Emoções: individuais ou sociais?”

RIBEIRO, A. M. M. Raymond Williams e “estruturas de sentimentos”: os afetos como criatividade social . Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, SP, v. 28, n. 00, p. e020007, 2020. DOI: 10.20396/resgate.v28i0.8658395. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8658395>. Acesso em: 28 jan. 2024.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais).

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & outros ensaios Rio de Janeiro: A Bolha, 2019.

RISTOCK, Janice. "Introduction: intimate partner violence in LGBTQ lives". In: _____. Intimate Partner Violence in LGBTQ Lives. New York / London: Routledge, 2011.

ROBBINS, Joel. Onde no mundo estão os valores? Exemplaridade, Moralidade e Processo Social. Sociologias, v. 17, n. 39, 2015

ROHDEN, Fabíola. "O que se vê no cérebro: a pequena diferença entre os sexos ou a grande diferença entre os gêneros". In: Maluf, S.; Torquinst, C.S.. (Org.). Gênero, saúde e aflição: abordagens antropológicas. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010, v. , p. 403-439. ISBN: 9788576620518.

_____. O império dos hormônios e a construção das diferenças de gênero. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 15, p. 133-152, 2008.

_____. Para que serve o conceito de honra ainda hoje? Revista Campos, 7(2), p.101-120, 2006.

ROSALDO, Michelle. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 18, n. 54, pp. 31- 49, dezembro de 2019

RUBIN, G. The Traffic in Women: Notes on the "Political Economy" of Sex (1975)

SAFFIOTI, H.I.B. A mulher na sociedade de classes: Mito e Realidade (2 ed). Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. Gênero, patriarcado, violência. 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, 151p.

_____. Violência estrutural e de gênero – Mulher gosta de apanhar? In: SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES (ed.). Programa

de Prevenção, Assistência e Combate à Violência Contra a Mulher – Plano Nacional: diálogos sobre violência doméstica e de gênero: construindo políticas públicas., Brasília: A Secretaria, 2003.

SALINO, Renata. Machismos que eu concordo. Rio de Janeiro. TikTok, 2023. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZM6QsmrN5/> Acesso em: 21 de dezembro de 2023.

SCHMIDT, Sarah. Divulgação científica: Tiktokers da ciência. Pesquisa FAPESP. São Paulo, 1 de Janeiro de 2024. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/tiktokers-da-ciencia/> Acesso em: 11 de Janeiro de 2024.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria de análise histórica”. Educação e Realidade. Porto Alegre, UFRGS, 1995, vol.20 (2).

SOARES, Rosângela. “Adolescência: monstruosidade cultural?” Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 2, n. 25, p. 151-159, jul./dez. 2000.

STONE, Allucquère. Virtual Systems: the architecture of elsewhere. Santa Cruz: Group for the Study of Virtual Systems, Center for Cultural Studies, University of California, 1991.

TOLEDO, Lívia Gonsalves. Considerações narrativas sobre as vivências afetivo-sexuais entre lésbicas e suas relações com os mitos e estereótipos a respeito da lesbianidade. 2008. p.4.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras; BECKER, Simone. A violência normativa e os processos de subjetivação: contribuições para o debate a partir de judith butler. Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010. Disponível em: http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278169629_AR_QUIVO_TrabalhocompletoMJFTeSBAviolencianormativa.pdf Acesso em: 11 de Outubro de 2023.

VAZ, Ana Dutra. Instagram, 2023. SUPERVULGAR. São Paulo. Disponível em: <https://www.instagram.com/anadutravaz?igsh=ZGowMXo2Y2hwbmh1> Acesso em: 23 de dezembro de 2023.

VEIGA, A.M. and GASPARETTO, V. O pensamento vivo de Heleieth Saffioti [online]. SciELO em Perspectiva: Humanas, 2021 [viewed 03 October 2023]. Available from: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2021/09/03/o-pensamento-vivo-de-heleieth-saffioti/>

VINCENT-BUFFAULT, Anne. A Troca De Lágrimas e Suas Regras. In: VINCENT-BUFFAULT, A. A História das Lágrimas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

WACQUANT, Loic J. D. Corpo e alma notas etnográficas de um aprendiz de boxe, Rio de Janeiro : Relume Dumará, 2002.

WALBY, Silvia (1990). Theorizing patriarchy Oxford: Brasil Blackwell.

WILLIAMS, Raymond. (2011), “Base e superestrutura na teoria da cultura marxista”. In: WILLIAMS, Raymond. Cultura e materialismo. São Paulo, Editora Unesp, pp. 43-68.

_____. Politics and Letters: interviews with New Left Review. London: NLB, 1979.